



Enjeux et limites de la créativité lectorale

Depuis l'avènement des théories de la lecture, dans le dernier quart du vingtième siècle, il est devenu presque banal d'envisager le littéraire comme le fruit d'une coopération entre auteur et lecteur, voire comme une création partagée. Mais ce quasi lieu commun recouvre bien des malentendus, des confusions entre interprétation du geste créateur, donc reproduction d'un sens déjà là, et authentique production de circuits inédits de la signification.

Cette communication se propose de montrer à quelles conditions le lecteur peut, lisant un texte d'écrivain, se faire en quelque sorte inventeur d'un sens nouveau échappant à l'intention de ce dernier. C'est l'implication de l'écrivain comme sujet total, conscient et inconscient mêlés, qui signe la syncope du sens à l'origine de tout acte créateur authentique. La lecture créatrice se fonde sur ce « point aveugle ». Elle passe par une performance verbale dont le texte lu est le référent. L'« effet littérature » résulte du croisement des performances auctoriale et lectorale.

Pour autant les droits du lecteur ne sont pas illimités. Ces limites naguère tracées par Ecco semblent avoir été oubliées par certains critiques important au sein de leur champ disciplinaire la confusion des genres souvent vantée au siècle dernier. Or la confusion des rôles (qui sont aussi des rôles sociaux), en dépit de ses charmes, n'est guère productive du point de vue d'une lecture dite littéraire. Violer la lettre du texte d'auteur pour lui en subsister un autre en tordant pour l'occasion la théorie du texte fantôme (Charles), c'est tout simplement gommer la spécificité du littéraire, fondée sur le décalage entre un sens immédiatement perceptible et d'autres couches voilées ou potentielles, et ruiner la possibilité d'une interprétation créatrice.

Pour que la coopération littéraire déploie toute sa fécondité, il faut que le lecteur remplisse plusieurs conditions : attention à l'artefact auctorial, mémoire intertextuelle susceptible de rivaliser avec celle du créateur, investissement affectif transformant l'acte de lecture en aventure du sens, culture intellectuelle convertissant le plaisir esthétique éprouvé à la lecture en *contre-texte de lecture* plus rationalisé, donc plus aisément communicable. Remettre en perspective les rôles de l'auteur et du lecteur n'est pas nier la créativité de ce dernier, c'est au contraire lui permettre de donner toute sa mesure.

Le propos de portée théorique et générale se référera à un corpus large d'auteurs français et de langue européenne.

Since the development of theories on reading in the last 25 years of the 20th century, it has been almost banal to consider the literary artefact as the product of a cooperation between author and reader, if not as shared creation. But this near common place conceals many misunderstandings, confusions between the interpretation of the creative move—namely, the reproduction of pre-existing meaning—and genuine production of unheard-of networks of signification.

This paper aims at showing under what conditions the reader can, in reading a writer's text, invent a new meaning which escapes the latter's intention. It is the writer's implication as total subject, intertwined conscious and subconscious, which produces the "syncope of meaning" leading to any authentic creative act. Creative reading is based on this "blind spot." It starts with a linguistic performance whose text is the referent.

However, the reader's rights are not unlimited. Those limits, which were once set by Ecco, seem to have been forgotten by some critics who have imported into their disciplinary field the confusion between genres which was so much clamoured for in the 19th century. Now, in spite of its charms, the confusion of roles—which are also social roles—is hardly productive in terms of literary reading. Violating the letter of an author's text to impose another by twisting Charles's theory of a ghost text for the occasion simply amounts to erasing the specificity of the literary text, which lies in the gap between immediately visible meaning and other potential or hidden strata of meaning, and to ruining the possibility of creative interpretation.

For literary cooperation to display all its fruitfulness, the reader must fulfil several requirements: pay attention to authorial artefact; activate intertextual memory likely to compare with the author's; put a lot of himself into the transformation of the reading act into the adventure of meaning; rally intellectual culture able to convert aesthetic pleasure found in reading into a more rationalized counter-text from reading which will be easier to communicate. Putting the roles of author and reader back into perspective does not mean negating the latter's creativity; on the contrary, it amounts to giving him the opportunity to show the extent of his talent.

The theoretical and general demonstration will refer to a large corpus of French and European authors.



A Literatura no contexto do Terceiro Milénio ocidental – Dodó ou Fénix?

Procurando responder ao desafio lançado na temática deste Colóquio, por um lado, e ir ao encontro da problemática abrangida pela linha de investigação co-organizadora (“Leituras. Discursos. Contextos” do CLC da Universidade de Aveiro), por outro, a presente comunicação propõe-se reflectir sobre o lugar e o papel social da cultura literária no Ocidente, no contexto do início do Terceiro Milénio, a partir da constatação de uma certa anarquia das práticas de leitura e da produção literária, assim como do aparente desrespeito e/ou da reinvenção do(s) cânone(s) literário(s).

Estará a cultura literária tradicional, nos moldes em que a conheceram os leitores dos séculos XIX e XX, condenada à extinção pura e simples como o Dodó ou, à semelhança da mítica Fénix constantemente renascida das próprias cinzas, irá perdurar ainda que transformada por uma aparentemente intrínseca capacidade de adaptação evolucionista?

Para responder a estas questões, teremos forçosamente de recuar aos alvares da cultura literária ocidental, nomeadamente aos primeiros teóricos e críticos do fenómeno literário, isto é, da “Poesia” (Platão, Aristóteles, Horácio), sobrevoando, em seguida, as poéticas medieval, renascentista e clássica, de forma a recordarmos a passagem do conceito de “Poesia” ao de “Belas-Letras” e, depois, o nascimento do conceito romântico (e moderno) de “Literatura”. Contudo, a questão coloca-se, justamente, neste ponto. Será que, actualmente e para o futuro, poderemos continuar a falar de “Literatura”, tendo como referente o mesmo fenómeno herdado dos séculos XIX e XX?

Para além das respostas que possamos procurar na diversidade das reflexões especializadas das várias tendências vintistas e actuais dos Estudos Literários, quer as mais formalistas quer as mais orientadas para o leitor, julgamos ser interessante e produtivo cruzar essa informação com a que decorre de disciplinas mais recentes como a História do Livro e da Leitura e a Sociologia da Leitura. Com efeito, e recuando uma vez mais ao momento cultural greco-latino, passando pelas várias transformações e revoluções das práticas de leitura até aos nossos dias, no contexto ocidental, poderemos constatar a permanente morte e ressurreição daquilo a que se convencionou chamar, a partir de Oitocentos, “Literatura”, “Cultura literária” ou “Cânone literário”.

Neste sentido, não deveríamos, antes mesmo de deixarmos que se passe um atestado de óbito e de extinção definitiva a tal fenómeno artístico-cultural, tentar perceber, pelo menos, alguns dos caminhos para onde poderão conduzir a “coisa literária” a nova desordem da leitura, a anarquia da produção criadora, o desrespeito pelo cânone ocidental tradicional, a invenção de novos cânones, etc.? Lembremo-nos de que quer a História da Literatura Ocidental quer a História da Leitura no mesmo contexto espacial e cultural mostram que a “coisa literária” é um objecto tão perene quanto plástico e adaptável a novas realidades estéticas e culturais. Assim, à semelhança do passado, será ainda possível que (e como?) as novas culturas literárias do presente e do futuro venham a conseguir preservar aspectos da tradição e a incorporar-lhes novas performances, fruto da invenção criativa em permanente transformação e da nova realidade tecnológica, prossequindo o seu desenvolvimento de acordo com os novos tempos?

Literature in the context of western Third Millennium – Dodo or Phoenix?

Trying to meet the challenge launched in the thematic of this Colloquium, on one hand, and to meet the problematic enclosed by the research line co-organizer (“Readings. Speeches. Contexts” of the CLC of the University of Aveiro), on the other, the present communication proposes to reflect about the place and the social role of literary culture in the West, in the context of the beginning of the Third Millennium, from the verification of a certain anarchy of the practices of reading and of literary production, as well as the apparent disrespect and/or the reinvention of literary(s) canon(s).

Is traditional literary culture, in the patterns that had known it the readers of the nineteenth and twentieth centuries, condemned to plain and simple extinction as the Dodo or, similarly to the mythical Phoenix constantly coming up of her own ashes, will it last even though transformed by an apparently intrinsic capacity of evolutionist adaptation?

To answer these questions, we will have forcibly to go back to the dawns of western literary culture, namely to the first theoreticians and critics of the literary phenomenon, that is, “Poetry” (Plato, Aristotle, Horatio), flying over, afterwards, the medieval, renaissance and the classic poetics, in order to remember the passage from the concept of “Poetry” to the one of “Fine-Letters” and, later, the birth of the romantic (and modern) concept of “Literature”. However, the question is placed, exactly, in this point. Will we, currently and in the future, continue to talk about “Literature”, having as reference the same phenomenon inherited from the nineteenth and twentieth centuries?

Beyond the answers that we can look for in the diversity of the specialised reflections of the various trends of Literary Studies from the twentieth century to present days, whether the more formalist whether the most reader’s oriented, we judge to be interesting and productive to cross that information with the one that elapses from more recent disciplines as History of the Book and of Reading and Sociology of Reading. In fact, and going back once more to the cultural Greek-Latin moment, passing over the various transformations and revolutions of the practices of reading until our days, in the western context, we can report the permanent death and resurrection of that conventionally called, since the nineteenth century, “Literature”, “Literary Culture” or “Literary Canon”.

In this sense, shouldn’t we, just before letting to write out a death certificate and one of definitive extinction to such an artistic-cultural phenomenon, try to understand, at least, some of the paths to where will lead the “literary thing” the new disorder of reading, the anarchy of creative production, the disrespect for traditional western canon, the invention of new canons, etc.? We should keep in mind that both History of Western Literature and History of Reading in the same spatial and cultural context show that the “literary thing” is an object as enduring as plastic and adaptable to new aesthetic and cultural realities. Thus, and similarly to the past, we could ask if it still would be possible that (and how?) new literary cultures of the present and those of the future come to preserve traditional aspects and be capable of incorporating new performances to them, as result of creative invention in permanent transformation and of new technological reality, and thus continuing its development in accordance with the new times.



Littérature et théâtre ou l'entre-deux: de la dramaturgie à la génétique théâtrale

On se penchera dans cette intervention sur les rapports qui unissent la littérature et le théâtre tout en essayant de déceler, d'un côté, les liens d'ordre historiographique et esthétique et, de l'autre, les nouvelles données sous-jacentes à une récente pratique universitaire tant au niveau de la formation/enseignement qu'au niveau de la recherche.

Si on projette un regard plus attentif sur le phénomène de l'historiographie littéraire, on est vite pris par une théorisation qui privilégie une nomenclature catalographique par genre et modes littéraires. Le genre dramatique y occupe, selon les cas et les époques littéraires, une place plus ou moins anodine se profilant au sein d'une culture du canon littéraire. D'autre part, une pratique de l'enseignement littéraire et philologique tendait, dans le passé, à minimiser l'espace d'antenne accordé à la littérature dramatique. Cette réalité devenait encore plus évidente lorsqu'on l'analysait du côté de l'enseignement de la littérature française où la dramaturgie incarnait parfaitement la peau du « parent pauvre ». Or, paradoxalement, avec la crise récente des Langues et Littératures à l'université, on assiste de plus en plus à un renouveau envers la dramaturgie grâce auquel la littérature est relancée par le biais de l'étude de la Littérature Comparée ou de la Littérature et les Arts.

Il s'agit donc pour nous de présenter tout d'abord quelques études de cas concernant l'éclatement des formes et des genres au sein des dites pratiques « à deux temps » (Henri Gouhier, 1989), de nous interroger sur le phénomène artistique de la « re-création » qui pose le problème du rapport au texte au centre des préoccupations, et finalement, d'ouvrir de nouvelles perspectives de recherche autour des « pratiques d'écriture » (Yves Jubinville, 2007) à partir des études de génétique théâtrale menées en ce moment en France et au Canada.

This paper will consider the relationships between literature and drama. We will attempt to distinguish, on the one side, the historical and aesthetic links between the two, and, on the other, new data underlying recent academic practices both at the level of the teaching/learning process and at the level of research.

When one takes a closer look at literary historiography, one is haunted by a set of theories which privilege a catalographic terminology based on literary modes and genres. In it, drama as a genre occupies, according to literary cases and times, a more or less unimportant place among a culture of literary canons. Furthermore, a certain practice of literary and philological teaching in the past tended to reduce the space given to drama literature. This reality becomes more evident when one analyses the teaching of French literature, within which the dramaturgic works often play the role of the "poor uncle". Paradoxically, the recent crisis in the academic studies of Languages and Literatures brought about a renewal of dramaturgy, thanks to which literature is once more at the center of attention, via the Comparative Literature Studies, or studies in Literature and Other Arts.

We will, therefore, start by showing some case studies which illustrate the fragmentation of forms and genres among the so-called practices *à deux temps* (Henri Gouhier, 1989). We will also question the artistic phenomenon of "re-creation", which brings the problem of the relationship with the text into the centre of the concerns. Lastly, we will attempt to open new research perspectives on the "writing practices" (Yves Jubinville, 2007), from the studies of drama being developed in France and in Canada.



Ana Elias Pinheiro
Universidade Católica Portuguesa
elias.ana@gmail.com

A longa história da informação turística: da *Descrição da Grécia* de Pausânias ao *Baedeker's Greece*

Quando os Romanos do tempo de Adriano passaram a frequentar a Grécia, como forma de lazer mas também de enriquecimento cultural e de curiosidade histórica, alguém terá sentido a necessidade de criar um percurso que, tirando partido das magníficas (para a época...) estradas que o Império fizera construir, os levasse a desfrutar do seu propósito. Surgia assim o que poderíamos considerar o primeiro Guia de Viagens que chegou até nós: a *Descrição da Grécia* de Pausânias. Aí, o turista romano encontrava todas as informações necessárias ao bom sucesso da sua visita: o melhor caminho, os monumentos que valia a pena visitar, um pouco da história e costumes locais e, até, alguns avisos necessários a quem visita uma cultura diferente.

Em 1894, Karl Baedeker, editor da célebre série de Guias de Viagens *Baedeker's Travel Guides*, inspirar-se-ia em Pausânias para compor a seu *Baedeker's Greece*.

A presente intervenção visa o confronto das duas obras, com vista a evidenciar a importância de Pausânias como modelo para os Guias actuais de Viagem à Grécia.

The long history of touristic information: from Pausanias's *Description of Greece* to Baedeker's *Greece*

When the Romans who lived in Hadrian's period started to visit Greece moved by various interests, such as leisure, acquisition of cultural knowledge and historical curiosity, someone felt the need to prepare a guide that, by taking profit from the magnificent roads the empire had built, could allow travellers to enjoy their stay in the best way. This is the origin of what can be considered the first known Travel Guide: Pausanias's *Description of Greece*. In this text, the Roman tourist could find all the necessary information to have a successful trip: the best ways, the monuments worth visiting, a bit of history and of local manners, and some important tips addressed to those who contacted different cultures.

In 1894, Karl Baedeker, editor of the famous series of Travel Guides entitled *Baedeker's Travel Guides*, draw inspiration from Pausanias to organize his *Baedeker's Greece*.

This paper aims at confronting the two aforementioned works in order to stress Pausanias's importance as a model to the present Travel Guides about Greece.



Ana Isabel Moniz
Universidade da Madeira
anamoniz@uma.pt

Utopia e (des)encanto em *Vivre à Madère* de Jacques Chardonne

Se, como afirma Jacques Chardonne, “l’édén, le paradis perdu, l’âge d’or, le bonheur, c’est une singulière idée chez les hommes”, procuraremos compreender de que forma a ideia utópica de éden ou de perfeição se poderá encontrar na obra de Jacques Chardonne intitulada *Vivre à Madère*, publicada em Paris em 1953.

Poderá a ilha, neste caso particular, a Madeira, aproximar-se da noção utópica de «lugar ideal», na esteira de Thomas More ou, pelo contrário, irá o protagonista, aquando da sua deslocação à ilha, confrontar-se com uma experiência de desencanto?

Tentaremos reflectir acerca destas questões procurando o seu enquadramento na perspectiva literária das relações entre Utopia e Viagem, pelo facto de nela se fundar a estrutura matricial do género utópico, assim como se procurará estabelecer uma ligação com outras áreas do saber, nomeadamente, a Filosofia, na forma como o narrador irá questionar a própria vida.

Utopia and (dis)enchantment in *Vivre à Madère* by Jacques Chardonne

If, as Jacques Chardonne claims, “l’édén, le paradis perdu, l’âge d’or, le bonheur, c’est une singulière idée chez les hommes”, my aim is to uncover and understand in what way the utopian idea of Eden or of perfection may be found in the work by Jacques Chardonne entitled *Vivre à Madère* and published in Paris in 1953.

Is it possible that the island, in this case Madeira, may come close to the utopian idea of ‘ideal place’, in the wake of Thomas More or, on the contrary, is it the case that the protagonist, when visiting the island, will be confronted with an experience of disenchantment?

It is the aim of this paper to reflect upon these issues while seeking, on the one hand, to place them within a literary perspective in terms of the relation between Utopia and Travel and, on the other, endeavour to establish a link to other areas of knowledge, namely Philosophy, via the way the narrator questions life itself.



Parler du Moyen Age? Détours et retours au texte médiéval par l'étude de l'image

Le moment de reprendre la formule dont Paul Zumthor s'est saisi il y a presque trente ans pour poser la question du texte médiéval serait-il venu? La soi-disante "rareté" actuelle des études de littérature médiévale française dans notre pays semble imposer aux médiévistes cette responsabilité. La réponse à la question "où en sont les études de littérature médiévale?" doit se porter plutôt sur les méthodologies d'approche de l'objet d'étude que sur l'objet lui-même, ce qui suppose une reformulation de la question: il s'agit, effectivement, de comprendre comment la question du Moyen Age se pose-t-elle aujourd'hui.

Les dimensions du problème ne me permettront pas de l'aborder ici que partiellement. Mon propos est de faire le parcours de quelques approches des textes médiévaux à partir d'études centrées sur l'image. L'itinéraire de l'image médiévale nous mènera, d'abord, aux études sur l'imaginaire, autour desquels s'est fondé une puissante herméneutique de la littérature médiévale en France qui a eu des projections profondes dans la recherche dans notre pays dans les années 70-90. Le développement de l'anthropologie historique et l'influence de l'École des Annales autour de maîtres comme Jacques Le Goff et Georges Duby ont été à la source d'une dérive historique des études littéraires médiévales qui a enrichi les méthodologies de l'étude de l'imaginaire puisant dans l'anthropologie et l'histoire des mythes. L'étude de la littérature médiévale a bénéficié de ce complexe fond épistémologique, qui invitait le médiéviste à étudier des systèmes (synchroniques ou diachroniques) plutôt que la matérialité textuelle des oeuvres.

C'est surtout autour des travaux d'un autre historien, Jean-Claude Schmitt, que les études de l'image médiévale se sont éloignées de cette tendance vers universalité pour s'intéresser plutôt au "corps des images", à leur matérialité, à la visualité sensorielle et au concret. Schmitt a trouvé dans l'histoire de l'art beaucoup de ces objets d'étude, il y a puisé quelques unes de ses méthodologies les plus innovatrices. Cet intérêt pour la plasticité de l'image a permis à la littérature de mieux comprendre les textes comme des projets de lecture où la production de sens implique un programme de visualisation comprenant l'imaginaire autant que l'image textuelle (image visuelle et image verbale) et l'image mentale (penser par images). Pas mal de spécialistes du Moyen Age se sont intéressés par la suite à l'iconographie, et la description des images illuminées des manuscrits a fait partie de nombreuses et importantes études de littérature médiévale.

Le retour à la rhétorique et surtout le renouvellement des études sur la mémoire en tant que art d'organisation de la pensée (Mary Carruthers), ont récemment orienté les études de littérature médiévale vers une idée du texte en tant que art (*téchné*), et la production d'images (iconographiques autant que verbales) a pu être prise comme un dispositif de programmation de la lecture.

L'approche rhétorique réussira-t-elle à faire la fusion de la matérialité (factualité) historique et de la pensée philosophique plus proche des études sur l'imaginaire? Il nous faudra encore attendre pour trouver une réponse à cette question.

Speaking of the Middle Ages. The Turns and Returns to the Medieval Text Through Image Studies

Although nearly thirty years have gone by since Paul Zumthor has suggested his well known expression “Speaking of the Middle Ages” to develop some of the most striking reflexions on medieval literature to this day, there may be good reason to return to this issue at present. The so called “rareness” of the studies in French Medieval Literature in our country is bound to make our medievalists consider this as their duty. However, the answer to the question “where do studies in Medieval Literature stand today?” must refer to methodological issues rather than to medieval literature itself. This means that the question must be rephrased, as the point is to understand what the issue of the Middle Ages is nowadays or, in other words, what have our ways of speaking of the Middle Ages become.

This paper will focus on aspects of medieval literature which have drawn on image studies. The aim is to review some of those aspects starting with the works of historians, such as Jacques Le Goff and Georges Duby, which have inspired medieval studies from the standpoint of what is nowadays known as “historical anthropology”, as well as the system of anthropological structures of the imaginary set up by Gilbert Durand from which a vast and rich criticism of medieval imaginary has developed.

The suggestions of Jean-Claude Schmitt which in a way have sprung from this anthropological tradition of medieval studies have opened the way to further works which have proved to be as fruitful: taking a strong interest in the “body of images” (“corps des images”), their materiality and their concrete visibility, Schmitt has turned to art history in search for his materials of study, and from art history he has drawn some of his most important insights on medieval history and culture.

The return to rhetorics and mainly the new rise of studies on memory considered as an art of thought and, specifically, the new interest in “images of thought” springing from Mary Carruthers’ and Jan Ziolkowski’s recent works has driven medieval studies to focus on the text as an art (*téchné* or “craft of thought”). I shall argue that this recent approach is likely to shed a new light into the meaning of the medieval text that will bear important results for literary studies in general.



André Bénit
Universidad Autónoma de Madrid
andre.benit@uam.es

Le réseau : une notion en plein essor dans les études littéraires belges

“A nouvelles méthodes, nouveaux objets”, signalent Paul Aron, Benoît Denis et Jean-Marie Klinkenberg dans leur étude “Littérature belge et recherche collective” (2006), où ils relatent notamment leur expérience à la tête d’une “Action de Recherche concertée” de la Communauté française de Belgique autour d’un projet sur l’analyse des “réseaux littéraires”. En effet, conscients que les méthodes et les concepts conçus et élaborés dans le cadre des grands ensembles littéraires nationaux -tel le champ français- ne rendent pas bien compte des réalités ayant cours dans des ensembles périphériques où l’activité littéraire se déroule selon des modalités fort différentes, les historiens de la littérature francophone de Belgique se doivent d’accomoder les modèles descriptifs et explicatifs généraux à un corpus pour lequel ils n’ont pas été pensés.

Dans cette communication, nous nous proposons d’étudier dans quelle mesure un concept aussi polysémique -et, somme toute, assez neuf dans le domaine de l’histoire littéraire- que celui de réseau, s’impose depuis quelque temps comme un outil d’analyse pour expliquer la manière dont, dans un espace aussi original que la société belge, se structure et s’organise la vie littéraire. Pour ce faire, nous tenterons premièrement de détecter l’apparition du concept de réseau, et ses implications, dans quelques-unes des Histoires de la littérature francophone de Belgique publiées depuis une bonne dizaine d’années, ensuite d’en approfondir la portée théorique, enfin d’analyser son utilisation et sa pertinence dans quelques travaux plus récents.

The network: a concept at its very peak in the Belgian literary studies

Paul Aron, B. Denis and J. M. Klinkenberg point out “new objects for new methods” in their study “Belgian literature and collective research” (2006); in this work, they explain their experience at the head of an “Action de recherche concertée” of the French community of Belgium, around a Project related to the analysis of literary network.

In fact, they take into account that the methods and concepts designed and elaborated within the frame of the most important national literary groups –like the French one- do not allow to analyze the realities within the peripheral groups where the literary activity take place according to different modalities. In this context, historians of the French literature of Belgium have to adapt descriptive and explicative patterns to a corpus for which they are not conceived.

In this communication, we propose to study in which way a polysemic concept such as network (réseau) –quite new in the literary field- impose itself as a tool of analysis in order to explain the way the literary life is structured and organized in such an original space as the Belgian society.



O Ensaio: uma visão crítica da cultura pelo traço literário

Aspiramos abordar o conceito de “cultura literária”, perspectivando-o não apenas num prisma de aquisição de uma dada memória literária, mas encarando também cultura literária e a própria literatura como uma capacidade de *Weltanschauung*. Sublinhar-se-á a competência criativa da literatura, enquanto promotora de uma leitura crítico-interpretativa da sociedade, em que o escritor e o leitor estão circunstanciados. Observaremos a literatura como um espaço de criação, seja ela construção imagética ou reflexão sobre o mundo que nos pertence.

É nesta esteira que se pretende enfatizar o poder interventivo da literatura na sociedade. Relembrando que por génese o homem é um animal *político* (*zw=/on politikovn*), reflectiremos sobre o papel interventivo da literatura na dinâmica da *pólis*, escolhendo para tal o caso particular do ensaio. Criado por Montaigne, o ensaio é herdeiro de uma tradição que provém das diatribes e da literatura simposíaca, afirmando-se no panorama literário como uma classe de textos eminentemente interventiva e de acção polémica.

Diacronicamente, o ensaísmo tornou-se um instrumento de acção e de discussão cultural, ficando-se como expediente e método para a análise crítica de coordenadas cronotópicas. Por outro lado, sendo uma classe de textos que vagueia titubeante e enviesadamente pela Filosofia, pela Ciência e pela Literatura, será interessante compreender o motivo que lhe permite ser não raras vezes mais eficiente no plano interventivo do que um estudo científico. Se o ensaio é “ciência sem prova explícita”, é a sua vertente literário-persuasiva, sustentada no exercício metafórico, que o torna exegeticamente vigoroso.

Além disso, o ensaio serve-se também da Literatura, não somente porque se edifica como texto literário, mas porque a aborda como matéria potencialmente crítica. O ensaio patrocina, portanto, um conhecimento da cultura literária, como também incrementa o seu crescimento através de uma cadência de intertextualidade e transtextualidade a si inerentes. Ponto de partida, o ensaio assume-se como móbil de e para reflexão.

Depois da dissecação social realizada pelo romance, cabe agora ao ensaio (ou a textos de traço ensaístico) ocupar esse estatuto de reflexão interventiva e de polémica, descobrindo novas perspectivas e renovadas concepções da sociedade. A título de exemplo vejamos o que se vai passando no espaço da blogosfera e o impacto que alguns textos aí publicados (pequenos ensaios e crónicas) têm na sociedade hodierna.

A literatura portuguesa é generosa em autores que sempre foram intervindo socialmente: desde as cantigas de escárnio e maldizer, passando pelos autos de Gil Vicente, pelas preocupações de Sá de Miranda, os sermões inquietantes de Vieira; chegamos a homens como Quental, Ortigão e Eça, para depois entrar jubilosamente no século XX com António Sérgio, tendo por remate Eduardo Lourenço e José Gil. O ensaio é motor de polémica social que visa uma acção efectiva, sendo por isso uma mais-valia o facto de ter uma perspectiva tripartida da realidade. Ciência, Filosofia e Literatura em osmose permitem-lhe artisticamente interferir e intervir na realidade humana. Como tal, o ensaio é uma literacia de vida, permitindo interpretá-la e modificá-la.

The essay: a critic vision of culture by literary trait

We aim at exploring the concept of 'literary culture', not only seeing it as an acquisition of a given literary memory, but also understanding literary culture and literature itself as *Weltanschauung*. We will emphasize the creative competence of literature whilst promoter of a critic-interpretative analysis of a society in which the author and the reader are circumstantiated. We will conceive literature as a space of creation, either being an imagetic construction or a reflexion about our world.

Thus we aspire at emphasizing the interventive power of literature in society. Bearing in mind that man is genealogically a politic animal, we will meditate about the interventive role of literature in social dynamics, taking the essay as an example.

Diachronically the essayism has become an instrument of action and of cultural discussion, establishing itself as a device and a method for the critical analysis of our time and space. On the other hand, being a text which wanders obliquely through Philosophy, Science and Literature, it will be relevant to understand the reason why the essay sometimes is more efficient to society than a scientific study. If the essay is science without explicit proof, it is its literary and persuasive facets, based in a metaphoric exercise, that promote its energetic and active exegesis, making of the essay a vigorous interpretation tool.

Furthermore the essay uses Literature, not only because it could be established as a literary text, but also because the essay analyses Literature as a potential matter to review. As a consequence, the essay provides an important knowledge on literary culture and improves its growth by inherent intertextuality and transtextuality cadencies. As a point of departure, the essay is a cause and a device of and to reflexion.

After the social analysis achieved by the romance, it is now up to the essay (or other texts with essayistic characteristics) to occupy that status of interventive reflection and polemics, discovering new perspectives and renewed conceptions of society.

The essay is a force of social polemics that aims at an effective action, with the advantage of having a three-fold perspective of reality. Science, Philosophy and Literature in osmosis allow the essay to artistically interfere and to intervene in human reality. As a consequence, the essay is a life literacy that allows to interpret and to modify it.



A contribuição premonitória dos poetas e prosadores portugueses para a génese da consciência ambiental contemporânea

Tese:

Os portugueses orgulham-se de ter descoberto o mundo, mas desconhecem o seu país. (Montesquieu, citado por Raul Proença). Seguida pela importância concedida à literatura como recurso e instância da literacia científica, o reconhecimento da sua função mediadora da filosofia da natureza e do ambiente e, afinal, da sua inesperada utilidade para a economia do turismo.

Demonstração:

A ecologia e a metafísica da paisagem na Literatura. Antero e Michelet, dois desconhecidos.

A Literatura e a experiência estética da Natureza. Da cosmovisão conservacionista à consciência ambientalista.

A Literatura e a interpretação da Paisagem Humanizada (Cultural). O questionar do Crescimento e o emergir do conceito de Desenvolvimento Sustentável.

A Literatura e o seu contributo para a redescoberta da Natureza com um novo paradigma: Ambiente, Democracia e Novas Éticas.

E, ainda, a Literatura Inconveniente: Uma verdade, quando aparece no Mundo, é pela boca dos poetas! (Teixeira de Pascoaes).

A evolução da economia do turismo contemporâneo como determinante da crescente importância da componente cultural e natural nos fluxos turísticos: Como a Literatura se antecipou ao novo paradigma da indústria turística, o turismo cultural e o turismo de natureza.

As vantagens estratégicas de uma indústria turística que conserve e valorize os patrimónios. Fazer turismo é ler, interpretar, experimentar, as vivências da paisagem cultural: Rotas e Circuitos, projectos transfronteiriços.



Skin Stories : études littéraires, politiques de la littérature et discours du corps

La présente communication se propose d'examiner certains aspects de la culture littéraire mondialisée et d'éclairer d'un jour nouveau le fait que les études littéraires et culturelles contemporaines insistent sur les questions du corps et de la corporéité ; dans ce contexte, la communication porte un intérêt particulier à la peau aussi bien comme *topos* littéraire que comme surface sur laquelle s'inscrit une réflexion critique et philosophique. Notre hypothèse de travail est que, même si la fiction fait depuis longtemps place au corps, le corpo-centrisme que l'on constate dans les études littéraires et culturelles est une évolution beaucoup plus récente, soutenue et confirmée par l'émergence des études du corps (*body studies*). Notre objectif est de voir comment les études littéraires et culturelles pensent un objet précis -notamment la peau-, quels sont leurs références théoriques les plus fréquentes, comment elles constituent leur 'canon' et surtout comment elles gèrent cet objet afin de le proposer au 'marché mondial des idées'. Notre problématique s'articule autour des axes suivants :

Premièrement, les études portant sur la peau semblent être indissociables du travail scientifique qui les a précédées. Le savoir acquis en biologie, en anatomie et, bien sûr, en dermatologie y est décontextualisé, remanié et reconceptualisé pour devenir la matière première des travaux critiques. Deux cas parmi les plus célèbres qui nous serviront d'exemple pour la façon dont les études littéraires conçoivent leur relation à la science sont l'essai philosophico-médical *La Peau découverte* de François Dagognet et les études psychanalytiques de Didier Anzieu sur le Moi-Peau.

Deuxièmement, le corpo-centrisme des études littéraires et culturelles est mis en relation avec les développements technologiques récents. Si la numérisation met en place des corps virtuels et 'scriptibles', cela élargit et radicalise l'imaginaire du corps. La place privilégiée qu'occupent les nouvelles technologies dans la problématique du corps et de la peau devient particulièrement évidente, entre autres, dans les références fréquentes de la critique aux *cyborgs* ou aux pratiques artistiques d'Orlan ou de Stelarc.

Troisièmement, en repensant, voire en 'reformant' et en 'réinventant' le corps, on met en question nos idées reçues et l'évidence du biologique. D'autant plus qu'une réflexion de ce type ne reste pas enfermée dans un esthétisme ou un hermétisme philologiques, mais ose rencontrer le *out there*. Si des textes comme *Le Toucher* de Jacques Derrida et le *Totalité et Infini* d'Emmanuel Lévinas sont considérés comme deux exemples évidents de la façon dont on peut revoir le corps et sa relation avec le monde, c'est parce que la culture littéraire d'aujourd'hui se veut, au moins dans le milieu anglo-saxon, ouvertement politique.

En somme, cette communication propose une réflexion sur la façon dont les études littéraires et culturelles profitent du travail fait par les sciences, s'appuient sur l'expérience des nouvelles technologies et du cyberspace et promeuvent la politisation du corps. De façon plus générale, la communication essaiera de montrer comment les études du corps contribuent à l'élaboration d'une nouvelle culture littéraire et quelles sont les conséquences possibles de ce développement.



Beryl Schlossman
Carnegie Mellon University
bfs@andrew.cmu.edu

Baudelaire et Benjamin: le concept de l'aura, approche d'une modernité

Tout à l'heure, comme je traversais le boulevard, en grande hâte
(...) mon auréole, dans un mouvement brusque, a glissé de ma
tête dans la fange du macadam.

Baudelaire

Le phénomène de l'aura, élaboré dans le contexte d'une lecture culturelle, philosophique et littéraire de la modernité, arrive jusqu'à nous dans l'oeuvre de Walter Benjamin. Or ce concept, cette lecture, sont ancrés dans la lecture de Baudelaire. Au croisement de la philosophie, de la littérature et des arts – la peinture, la sculpture, la photographie, l'architecture – la subjectivité moderne se donne à lire.

Pour Benjamin, la configuration du moderne prend en charge certains phénomènes tels que la trace et l'aura sur le chemin qui pousse les sujets du capitalisme industriel vers le nouveau. Il y est question d'une cassure, d'une transformation des formes traditionnelles dont les effets se font ressentir dans la vision, dans la sensation, dans la perception de l'expérience.

En termes esthétiques et littéraires, la transition du romantisme au modernisme produit le concept de l'aura: ses effets se mesurent dans la littérature du trans-romantisme, que j'avais explorée chez Flaubert et Proust dans mon livre *The Orient of Style* (Durham et Londres, Duke University Press).

Dans le contexte précis du poème en prose de Baudelaire, "Perte d'auréole", on voit des éléments d'une lecture qui nous permet de comprendre ce que Benjamin articule dans le dix-neuvième siècle baudelairien, puis dans le modernisme – et en quelque sorte, au-delà de ces contextes historiques pour arriver jusqu'à nous.

Baudelaire, Benjamin, and The Concept Of The Aura

Tout à l'heure, comme je traversais le boulevard, en grande hâte
(...) mon auréole, dans un mouvement brusque, a glissé de ma
tête dans la fange du macadam.

Baudelaire

The aura enters Benjamin's writing from his reading of Baudelaire; from that point of origin, the concept of the aura plays a major role in Benjamin's theory of modernity and in his interpretive readings of modern culture. The aura appears at the crossroads of literature, painting, photography, philosophy, and modern subjectivity. Within a precise configuration that includes the trace and the aura's decay, Benjamin uses the concept of aura to articulate a shift that occurs in the mid-nineteenth century, when the subjects of high capitalism become the subjects of modernity. This shift transforms traditional cultural forms into something new and unfamiliar. The break leaves its mark on vision, sensation, and the perception of experience.

In aesthetic and literary terms, the transition from romanticism to modernism produces the concept of the aura: its impact is illustrated in the literature of trans-romanticism, identified in my book, *The Orient of Style* (Durham: Duke U P), with modernist style in the fiction of Flaubert and Proust. In the specific context of the crowning halo in Baudelaire's prose poem, "Perte d'auréole," one of the major texts for Benjamin's exploration of the aura, this talk will explore the impact of trans-romanticism from Baudelaire to Benjamin, and beyond.



Michel Houellebecq, Amélie Nothomb et Jacques Chessex: *performances* sous contexte médiatisé

La société contemporaine est un contexte social fortement soumis aux règles des mass-media. La littérature, considérée comme acte social, semble souffrir, elle aussi, les forces du champ journalistique, sans oublier les effets des forces économistes qui assaillent le monde de l'édition et qui ont, ainsi, créé de nouvelles cultures littéraires, avec de nouvelles instances de légitimation et de nouveaux agents de consécration littéraires.

Subséquemment, il est maintenant exigé à un écrivain de s'acquitter d'une nouvelle *performance* : la promotion de son œuvre créée, de manière à correspondre aux attentes d'un public « déterminé » par les règles des media.

En outre, entre livre et lecteur, interviennent plusieurs agents médiateurs, le plus visible étant la présence des écrivains dans différents espaces médiatiques que sont la radio, la presse, la télévision, les prix littéraires, ou, plus récemment, l'Internet.

Il conviendrait, alors, de se pencher sur la manière dont se fait, aujourd'hui, la diffusion d'une œuvre littéraire et de discerner le rôle de l'écrivain dans ce procédé. En effet, il nous semble que l'auteur est devenu un des plus importants agents « médiatisateurs » du livre.

Observons l'exemple actuel de l'écrivain français Michel Houellebecq. Auteur polémique dans les contenus de ses œuvres, mais aussi lors de ses apparitions télévisées ou dans les tribunaux, d'aucuns des membres de son public – admirateurs ou contempteurs – pourront savoir de quelle trempe il est fait, tout comme le contenu de ses livres, sans jamais, pourtant, avoir lu son œuvre poétique ou narrative. D'ailleurs, il suffit de rappeler la forte médiatisation de la signature de son contrat avec son dernier éditeur : on parla beaucoup de l'auteur et de son futur roman, sans qu'il n'ait alors écrit une seule ligne... Un écrivain ne serait-il donc pas devenu le médiateur de son livre, alors qu'il s'agissait du contraire, auparavant ?

Nous proposons, de ce fait, d'étudier non seulement le cas de Michel Houellebecq, mais d'effectuer aussi une lecture comparative du phénomène de la médiatisation et de l'influence que celle-ci peut exercer sur la création littéraire contemporaine, sous des contextes géographiquement distincts, comme la Suisse romande, avec le Prix Goncourt Jacques Chessex et la Wallonie, avec la coqueluche des lettres belges Amélie Nothomb.

Présences assidues dans les media, nous pourrions vérifier, cependant, que la relation que les trois nouent avec ces derniers est dissemblable, tout comme leur *performance* de promoteurs de leur œuvre littéraire. Houellebecq joue sur la polémique corrosive, la posture vitriolée ; Chessex préfère l'image d'un auteur qui s'éloigne des lumières médiatiques et Nothomb varie ses apparitions médiatiques en spectacles infantiles (n'a-t-elle pas mangé des fruits pourris dans le plateau de Laurent Ruquier ?) et d'autres de grande maturité (comme elle le montra chez Bernard Pivot, face au membre de l'Académie Française de laquelle elle reçut le Grand Prix du roman...).

Enfin, nous essaierons d'examiner les effets du phénomène de la médiatisation sur la création littéraire de ces trois écrivains : leur choix des thèmes, du style, leurs options modales et génériques.

Michel Houellebecq, Amélie Nothomb and Jacques Chessex: *performances* under mediatized context

Contemporary society is a social context highly submitted to the rules of mass-media. Literature, considered as a social act, also suffers the forces of the journalistic field. We cannot forget, as well, the effects of the economic forces who have taken possession of the edition's world and who have created new literary cultures, with new literary consecration's instances and legitimation's agents.

Therefore, it is now exacted to a writer to fulfil a new *performance*: the promotion of his created work, in an adequate way, in order to come up to the expectations of a public who is "determined" by media's rules.

In this manner, between the book and the reader, several agents intercede, the most visible one being the writers' presence at the mediatic instruments such as the radio, the press, the television, the literary prizes, or, more recently, the Internet.

Then, it's fit we ask ourselves about the manners of today's diffusion of a literary work and discern the author's role in this process. Indeed, it seems to us that the author has become one of the major "mediatizer" agents of the book.

In order to illustrate this consideration, we can look upon the example of the contemporaneous french writer. Polemic in his books' contents and in his presences on television or in the courts of justice, most of his public may know who he is and his books' contents, without having, however, even read one line of his poetic or narrative. Alias, his contract with his last editor was highly mediatized: people talked a lot about Houellebecq and his future novel, and he hasn't already written on single line of it... Therefore, wouldn't it be the author mediator of his book and not the inverse, like it was until now?

Then, we propose to study not only this author's case, but also to have a comparative lecture of the mediatization's phenomenon and the influence that it might exercise in contemporaneous literary's creation, in geographic distinct contexts, such as the "romande" Switzerland, with the Goncourt Prized Jacques Chessex, and the "Wallonie", with the belgium letters *coqueluche* Amélie Nothomb.

Assiduous presences in the media, we'll verify that the relation they contract with these, and their performance of their work's promotion are distinct: Houellebecq plays with polemic, Chessex with a posture of someone who seems to step away from the mediatic lights and Nothomb transform her mediatic's presences into show moments varying between infantilism (she ate rotten fruits in Laurent Ruquier's tv show) and great maturity (like she proved in Bernard Pivot's program, in front of the Académie Française's president, from whom she received the Grand Prix du Roman).

Lastly, we will try to examine the mediatization's effects on the literary creation of these three writers: the choice of the themes, the style, their modal and gender options.



Dominique de Faria
Universidade dos Açores
dominiquefaria@notes.uac.pt

Lire un blog: *L'autofictif* d'Eric Chevillard

Eric Chevillard est un écrivain qui publie, depuis les années quatre-vingt, aux Editions de Minuit. Auteur peu conventionnel, toujours provocateur, Chevillard s'est aperçu des potentialités des nouvelles technologies et, bien qu'il continue à publier ses romans en papier, il s'est aussi engagé dans de nouveaux projets sur internet, notamment la création d'un blog, *L'autofictif*. Dans ce travail, nous nous interrogerons, à propos des textes de ce blog, sur les modifications apportées par l'adaptation du texte fictionnel au support électronique ainsi qu'aux conséquences que cela peut avoir sur le processus de lecture et le plaisir de lire.

En effet, s'il est vrai que *L'autofictif* a des caractéristiques en commun avec les textes publiés par l'auteur chez Minuit (notamment le style, le genre d'humour, certains sujets et même des noms de personnages), ce qui peut rassurer le lecteur, il est non moins vrai qu'il a aussi ses spécificités.

Ainsi, par exemple, le premier texte que l'on voit lorsqu'on accède au blog est le dernier que l'auteur a écrit, ce qui implique l'adoption d'un ordre de lecture différent de celui que les sociétés occidentales suivent depuis des siècles. En effet, tandis qu'un livre traditionnel est, en principe, lu du début à la fin, un blog est lu selon un ordre à chaque fois différent. La lecture en devient donc plus fragmentée, discontinue et plurielle.

De même, la création et le maintien de l'intérêt du lecteur ne dépendent plus, comme dans un texte en prose plus traditionnel, de l'histoire et de l'immersion fictionnelle, *L'autofictif* étant composé de textes courts et indépendants. L'on y est plutôt séduit par l'idée de pouvoir lire chaque jour ce que l'auteur vient d'écrire et par l'attente de savoir ce qu'il écrira le lendemain. Notons que cela produit chez le lecteur une sensation de plus grande proximité avec cet être inaccessible qu'est l'auteur, d'autant plus que Chevillard y fait des commentaires sur sa vie personnelle et y affiche ses liens internet préférés. Cela nous semble d'ailleurs être une des plus importantes sources de plaisir de ce blog. Par contre, d'autres genres de plaisirs y sont interdits au lecteur, notamment celui de posséder le livre, de le toucher, de le sentir, de le souligner et même de pouvoir le lire partout.



Eunice Cabral
Universidade de Évora
eunice.cabral@netcabo.pt

As culturas literárias como possibilidade de singularização

O contexto cultural e social português, na actualidade, indica uma tensão crescente - apesar de pouco perceptível em certos meios - entre a normalização e a singularização. A normalização da sociedade portuguesa (José Gil, 2004) concretiza-se na apatia e no entorpecimento. Se é verdade que a indústria cultural nunca se mostrou tão vigorosa como nos dias de hoje, também é certo que as culturas literárias se diluíram e têm sido esquecidas. Neste contexto massificado e face a uma percepção entorpecida da realidade cultural, a singularização é um desejo, quando não mesmo uma utopia que, apesar de apenas indicar direcções possíveis, se faz sentir pela ausência. As culturas literárias podem activar formas de produção da subjectividade.

The present condition of the Portuguese cultural and social context indicates a growing tension between normalization and singularity, in spite of being slightly perceived in certain spheres. The normalization of Portuguese society (José Gil, 2004) materializes itself in apathy and torpidity. If it's true that the cultural industry is more active than never, it's also evident that the literary cultures have been dissolved and forgotten. In this mass communication context which leads to a torpid perception of the cultural reality, singularity is a desire, or even an utopia that, in spite of indicating some possible directions, it's felt by its absence. The literary cultures can thus activate ways of producing subjectivity.



Franc Schuerewegen
Universités d'Anvers et Nimègue
schuerewegen@pandora.be

La littérature, pour quoi faire? Sur la leçon inaugurale d'Antoine Compagnon

Je n'étais pas là le 30 novembre 2006 mais j'ai lu le livre. Or je n'ai pas peur de dire (et je sais que de nombreux collègues partagent mon sentiment) que j'ai été déçu par l'ouvrage-pamphlet d'Antoine Compagnon. S'il ne fait aucun doute que notre éminent collègue du Collège de France pose les bonnes questions, je reste, malgré tout, sceptique quant aux réponses proposées. On nous apprend, en gros (je simplifie, dans le contexte de ce résumé), que la littérature permet d'explorer le réel de façon virtuelle. J'en dirai autant (j'ai des enfants, je vois manipuler cet engin chez moi à longueur de journée) de la *Playstation*.

D'où vient le problème ? Il a entre autres à voir avec ceci. Antoine Compagnon prétend dans ses réflexions envisager la question des pouvoirs de la littérature, de son utilité et de sa légitimité, dans une perspective post-sartrienne et non-essentialiste. Je suis d'avis que le contraire est vrai. Pour Antoine Compagnon, la littérature est une essence, quoi qu'il en dise. Il faut sortir de cet essentialisme qui n'ose pas dire son nom, tout le problème est là. La littérature n'est pas un ectoplasme mystérieux, c'est une pratique. La littérature, c'est l'apprentissage de l'écriture. Je suis contre l'herméneutique (approche de Compagnon), et pour la rhétorique (la mienne). La littérature pour quoi faire ? Pour mieux parler, pour mieux écrire.

How to do Things with Literature?

In his inaugural lecture for the Collège de France, Antoine Compagnon claims to have a pragmatic perspective on literature, literary research and teaching. After Sartre - whose question was: what is literature? - Compagnon wants to be functional, and have attention for relevance: what can literature do? how to make it work? These are good questions but what about the answers? I do not totally agree with Professor Compagnon's point of view in this matter and try to formulate an alternative perspective. My views are rhetorical and radically anti-foundational.



Francisco Sousa Neto
Doutorando - Universidade Aberta
francisco.sousa.neto@gmail.com

***Le Temps Découpé* de Michel Butor: um exemplo da escrita de experimentação**

A presente comunicação pretende abordar um caso de Literatura enquanto espaço de criação, cooperação/colaboração e inovação, centrando-se numa obra singular e original do autor de *Passage de Milan*.

Partindo do pressuposto que a escrita de Michel Butor (1926- ...) é caracterizada por uma exploração constante de novas estruturas e pela multiplicação dos processos de construção, nomeadamente através da publicação de textos em colaboração com artistas plásticos, será apresentado um exemplo desta produção a duas vozes / quatro mãos. Trata-se da criação *Le Temps Découpé*, obra que mistura as colagens do artista belga Thierry Renard (1951- ...) com os textos de Michel Butor (inspirados ora nas colagens, ora nos títulos das mesmas). Perante a multiplicidade e a riqueza apresentadas pelo texto *Le Temps Découpé* em particular e pela escrita de Michel Butor em geral, o leitor deverá desempenhar não só o papel de simples consumidor, mas sobretudo o de produtor. De facto, a apresentação de uma temática tradicional, conhecida e reconhecível pelo leitor (a fugacidade da vida humana), sob o signo da modernidade e da originalidade influencia a recepção e interpretação que o leitor faz da obra *Le Temps Découpé*. Este texto constituirá, então, um pretexto para a reflexão sobre a relação entre o escritor-filósofo Butor e o co-produtor e recriador em que o seu leitor se torna. Constataremos, finalmente, que a obra de Butor (da qual quatro quintos não se inserem no romance, nem em qualquer outra classificação) desconcerta e decepciona. Com efeito, na obra do autor de *La Modification*, assistimos verdadeiramente a uma questionação violenta do conceito de Arte e de Literatura. O texto de Butor recusa a comunicação imediata, relativiza a noção de Arte, transgride a disposição tradicional do livro, permanecendo ainda assim um combate contra os preconceitos, contra a estupidez, contra as convenções. Esta ideia de relativização e de transgressão de uma Literatura que se afirma e se constrói de forma inovadora, designadamente na sua relação com outros espaços artísticos (não só a Pintura, mas também a Música) proporcionará uma abordagem complementar da questão das novas práticas de criação e leitura/recepção no contexto actual das Culturas Literárias.

***Le Temps Découpé* by Michel Butor: an example of experimental writing**

This paper issues the presentation of a Literature case as a space of creation, cooperation/collaboration and innovation, focusing in the singular and original novel by the Passage de Milan's author.

Michel Butor writing (1926- ...) is characterized by a constant exploitation of new structures and by the multiplication of construction processes, more properly through the publication of texts in collaboration with plastic artists, so this paper gives us an example of that dual voice and four hands writing. *Le Temps Découpé* is a novel that joins the works of the Belgian artist Thierry Renard (1951- ...) to the texts of Michel Butor (inspired either in the paste work, or in the titles of them). Through the multiplicity and richness presented in this text *Le Temps Découpé* in a particular way and through the original way of writing of Michel Butor in general, the reader should not only act the final role as a simple consumer, but he must act like a producer. In fact, the presentation of a traditional theme, known and recognized by the reader (the human life fugacity), under the sign of modernity and originality influences the reception and interpretation that the reader makes in *Le Temps Découpé*. This text constitutes in its own way a subject of reflection about the relation between the writer and philosopher Butor and the co-producer and re-creator that his reader becomes. Finally it will be analyzed that Butor novel (which eighty per cent are not included in the novel, neither in other classification genre) aims the deconstruction and the deception patterns. Indeed, the author of *La Modification* assumes a profound and violent interrogation of the concepts of Art and Literature. This Butor text refuses the immediate communication, it takes for granted the relativism of the notion of Art, transgresses the traditional disposition of a book, leaving behind a deep combat against prejudices, stupidity and convention. This idea of relativism and transgression of Literature that affirms and assembles itself in a innovation way, specially in its relations with other artistic spaces (not only Painting but Music as well) will allow a complementary approach of the new creation practices as well as reading and reception in the nowadays context of Literary Cultures.



François Provenzano
F.R.S.-FNRS, Université de Liège
Francois.Provenzano@ulg.ac.be

Pour une nouvelle politique des études littéraires francophones

Depuis quelques années, les études littéraires francophones se sont implantées dans le paysage académique international, en s'appuyant principalement sur deux grands modèles théoriques et herméneutiques : d'un côté un modèle socio-institutionnel envisageant les situations de domination symbolique et les infrastructures énonciatives propres à l'écrivain périphérique de langue française, de l'autre un modèle postcolonial envisageant les productions littéraires par leurs manières de reconfigurer l'aliénation subie par la situation de colonisation.

Ces deux types d'approche et de production d'un savoir sur la francophonie littéraire peuvent être qualifiées de politiques dans la mesure où ils se fondent sur les rapports de force qui structurent l'univers littéraire en langue française.

Notre propos consiste à défendre l'idée selon laquelle la communication de ce type de savoir sur la littérature provoque une neutralisation de leur dimension politique, dans la mesure où les schèmes critiques mis en place se muent en schèmes interprétatifs mobilisés à des fins herméneutiques finalement très conformes au type de lecture esthétisant dominant.

En contrepoint de cette neutralisation, nous proposons une nouvelle forme de politisation des études littéraires, qui consisterait à envisager le fonctionnement rhétorique et l'instrumentalisation idéologique des discours sur la littérature qui, loin d'être une pratique révolue, continue d'irriguer l'espace public de nos sociétés.

Towards a new politics of francophone literary studies

During the past decades, francophone literary studies emerged on the international academic field, mainly based on two theoretical and hermeneutic patterns: on the one hand a socio-institutional pattern which focuses on the contexts of symbolic domination and the enunciative frameworks of the peripheral French-speaking writer; on the other hand a postcolonial pattern dealing with the ways in which literary works reconfigure the colonial alienation.

Both of these approaches of francophone literature may be defined as political, as they are grounded on the balance of power which structure the French-speaking literary field.

Our hypothesis will be that the ways to communicate this kind of knowledge about literature neutralize its political aspects, as the critical schemes turn into interpretative schemes used to fulfil hermeneutical goals eventually very close to the dominant aesthetic readings.

Against this neutralization, we shall propose a new politics of literary studies, which should focus on both rhetorical operation and ideological instrumentalization of the discourses about literature.



Digital poetry: a naissance of a new genre?

This paper will have as its main research object the study of digital poetics practices: creative practice and “lecture” practice. Reading is always reading, i.e. this action consists always in perceiving and picking up signs derived by the work of an “author”, however the order, the level of attention demanded by the reading of electronic texts, ambiguous, instable, fluid texts, is different.

The arrival of new information technologies has imposed and continues to impose transformations and new unforeseeable mutations also to the arts (and literature), as it has happened to certain objects of daily use. The meeting between poetry and informatics, however, pushed poetry further than a simple transposition from one medium to another. For the novelty of its characteristics, the electronic text seems to be bearer of deep changes.

Computer and internet offer a new field to the creative game of writing: computer finds out the reticular nature of writing and the web space multiplies and disperses the dimensions. We will try then to identify the strategic elements which constitute the poetics of digital text - the infographic images, the poeticity of the elements, their [il]legibility, the pluri-signification of the relation image-text, the flow of the reading process in the textual rearrangement - to establish how this emergent creative practice complicate the notion of genre.

The instability of such a creation that permits, for instance, a collaborative writing, where other users can decompose the author’s work, seems to impose another approach to the text. Other “genres” of digital poetry, moreover, focus on the decomposition of visual and sonorous aspect of words, pushing poetry to web-art.

By considering the relation between poetry (verbal text) and images (audio-visual) we shall be analyzing digital poems which exemplify the structures and styles of this kind of new avant-garde genre.

Poesia digital: nascimento de um novo género?

Este trabalho terá como tema e como objecto de estudo práticas da poesia digital: na sua dupla vertente de prática criativa e prática da “leitura”. Ler é sempre ler: esta actividade consiste sempre em perceber e utilizar os sinais que provêm do trabalho de um “autor”. Contudo, nas práticas da poesia digital, a ordem, o nível de atenção exigido pela leitura de textos electrónicos, textos ambíguos, instáveis e fluidos, são diferentes.

A chegada das tecnologias da informação impôs e continua a impor transformações e mutações também nas artes (e na literatura), tal como aconteceu a determinados objectos de uso diário. O encontro entre poesia e informática levou a poesia para além de uma transposição simples de um suporte impresso para um suporte electrónico. Pela novidade das suas características, o texto electrónico parece ser portador de profundas mudanças.

O computador e a Internet oferecem um campo novo ao jogo criativo da escrita: o computador evidencia a natureza reticular da escrita, ao mesmo tempo que o espaço Web multiplica e dispersa as dimensões.

Tentaremos então identificar os elementos estratégicos que constituem a poética do texto digital - as imagens infográficas, a poeticidade dos elementos, a sua (i)legibilidade, a plurisignificação da relação imagem-texto, o fluxo do processo de leitura no rearranjo textual - para determinar a forma como esta prática criativa emergente torna mais complicada a noção de género.

A instabilidade de tal criação, que permite, por exemplo, uma escrita colaborativa na qual outros utilizadores podem decompor o trabalho do autor, parece impor uma nova forma de aproximação ao texto. Além disso, outros “géneros” de poesia digital dão ênfase à decomposição do aspecto visual e sonoro das palavras, impulsionando a poesia para a web-arte.

Considerando a relação entre a poesia (texto verbal) e as imagens (audiovisuais), analisaremos alguns poemas digitais que exemplificam as estruturas e os estilos deste novo género de “neo-vanguardismo”.



“Em meses de inverneira, histórias à lareira”. Provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade

A tradição oral, enquanto objecto passível de ser teorizado e analisado cientificamente, ocupa ainda um espaço muito limitado no meio académico. Esse espaço tem sido tímida e lentamente conquistado, pois o mito da pretensa subalternidade da oralidade em relação à escrita ainda se encontra muito enraizado na cultura académica ocidental. Todavia, esta dicotomia começa a perder algum vigor, face ao reconhecimento de que a preservação da cultura oral é indispensável para manter a heterogeneidade cultural em realidades onde a cultura tecnológica começa a imperar.

Esta noção está patente no conceito de “Património oral e imaterial” da UNESCO e ganha particular relevância na esfera dos provérbios e dizeres, visto que estes evidenciam o carácter cumulativo e empírico da sabedoria popular. Ou seja, eles fazem parte do capital cultural das comunidades onde emergem. Muito embora o carácter popular deste tipo de saber seja alvo de descrédito nos meios científicos mais conservadores, há também correntes de investigação contemporâneas que consideram que a valorização deste tipo de conhecimentos estimula a emergência de laços de identidade dentro das comunidades onde são cultivados.

Com base neste princípio e no facto de que os provérbios e dizeres são reminiscências do nosso passado pré-literário, esta comunicação pretende, numa primeira instância, reflectir sobre o papel que os mesmos têm na perpetuação de certos valores culturais e nacionais. Num segundo momento, irá abordar a natureza didáctica destes dois fenómenos comunicacionais enquanto compromisso com as culturas de onde emergem. Melhor dizendo, à luz do trabalho de Durkheim e de Vansina, irá explorar de que forma é que este género de produções anónimas contribuem para a criação e manutenção da memória colectiva de uma dada comunidade. De seguida, traçará alguns paralelos entre provérbios nacionais e seus congéneres europeus, no sentido de demonstrar que estes terão servido de veículo para o intercâmbio de ideias. Por último, fará menção a alguns projectos em curso que visam, precisamente, instigar a preservação e transmissão de aspectos do passado através da tradição oral.

“Wintertime is storytelling time”. Proverbs and idioms as cultural and identity repositories

Oral tradition is still looked down upon by academia as it is not yet considered fit to be either object or subject of scientific scrutiny. This reality is experiencing a slow change due to the fact that the myth of orality's supposed inferiority in relation to the written word is still very much rooted in Western academic culture. However, this binarism is starting to lose strength as it is finally being acknowledged that the preservation of oral cultures is crucial to maintain cultural heterogeneity in regions where technology is starting to dominate.

This notion is made plain in UNESCO's concept of “Intangible Cultural Heritage” and it acquires particular relevance when we consider proverbs and sayings, since they put in evidence the empirical and cumulative qualities of popular wisdom. Put differently, they are an integral part of the cultural capital of the communities in which they have been generated. Despite the lack of credibility of popular knowledge amid a more conservative academic circle, there are also contemporary schools of thought which defend that this kind of knowledge should be cherished, because it reinforces the identity traits of a community.

Based on this principle and in the fact that proverbs and sayings are reminiscent of our pre-literary past, this paper aims, firstly, to reflect upon their role as keepers of cultural and national values. Secondly, it will look into the didactic nature of these two communicational phenomena as a commitment to the cultures that have produced them. In other words, borrowing from Durkheim and Vasina, this paper will explore the contribution of this kind of anonymous productions to the creation and maintenance of a community's collective memory. Next it will draw some parallels between Portuguese national proverbs and some European equivalents, so as to attest their ancient role as vehicles for the exchange of ideas. Finally, especial attention will be given to some recent projects, which aim to protect and pass on certain aspects of our heritage through oral tradition.



Isabel Correia & Raquel Soares
(CEHUM – U. Minho, E. S. Vila Verde & E.B. 2/3 Bernardino Machado, Joane)
isabelpeixotocorreia@gmail.com

A auto-ficção na narrativa gráfica *Journal d'un fantôme*

A narrativa gráfica *Journal d'un fantôme*, de Nicolas de Crécy, divide-se em duas partes distintas, embora interligadas por uma personagem informe (bem característica dos poemas desenhados por este autor). A segunda parte, a que mais nos interessa, partiu da encomenda “Le monde dessiné par les plus grands” da revista *Geo*, a qual publicou, em 2002, um número especial totalmente concebido por artistas gráficos. Esta iniciativa, enquadrada numa estratégia de *marketing* complexa, envolveu igualmente uma exposição itinerante dos trabalhos produzidos nesse âmbito. Acontece, porém, que esta experiência de base autobiográfica virá a ser, em *Journal d'un fantôme*, totalmente problematizada pelo artista, que se questiona acerca da viagem ao Brasil, do alojamento que lhe é providenciado (“[...] mon cercueil de quatre étoiles”), do que vê (“[...] visiter tout ce que la ville compte de monuments potentiellement touristiques, c’est-à-dire vides de toute vie.”), do estatuto que a revista lhe confere (“Décrire une réalité en passant par le dessin: c’est paradoxal”) e até da sua responsabilidade futura (“[...] contribuer à sa Disneysation?”). Esta sequência espelha o questionamento que cada vez mais cidadãos fazem da viagem turística: ou o “grand tour” ou nada. Se não somos Bruces Chatwins, é porque não passamos de convidados da boda de Gervaise passeando no Louvre. E o nosso mundo assemelha-se cada vez mais – como no filme homónimo de Jia Zhang-Ke – a um parque temático. A aparente traição do artista pode reverter a favor da indústria cultural, para a qual, provavelmente, também não há publicidade má. Importa-nos é descobrir de que forma de Crécy solicita à realidade que se torne fantástica e como poderemos descodificar a autoficção nesta narrativa literária e visual.

The graphic novel *Journal d'un fantôme*, by Nicolas de Crécy, is divided in two very distinctive parts, although narrowly connected by the usual shapeless character (a peculiar trade on the author's poems). The second part, which captures most of our attention, started as an order placed by magazine *Geo*, that published in 2002 a special issue entirely conceived by graphic artists, designated "*Le monde dessiné par les plus grands*".

This undertaking, part of a very complex and elaborated marketing strategy, was followed by a road-show of all the works produced. However, this autobiographic- experience will become, in *Journal d'un fantôme*, the object of total problematization by de Crécy, who questions himself about the trip to Brasil, the accommodations he's provided with ("[...] *mon cercueil de quatre étoiles*"), the observations he makes ("[...] *visiter tout ce que la ville compte de monuments potentiellement touristiques, c'est-à-dire vides de toute vie.*"), the status granted by the magazine ("*Décrire une réalité en passant par le dessin: c'est paradoxal!*") and even his future responsibility ("[...] *contribuer à sa Disneyisation?*"). This particular sequence is paradigmatic of the inquisitive and radical perspective that increasingly more people assume towards the touristic trip: the "*grand tour*" or nothing at all. And if we're not all Bruces Chatwins, that's because we're mere guests at Gervaise's wedding, strolling around the Louvre. Our world resembles more and more – as in film director Jia Zhang-Ke's "The world" – a theme park.

The apparent betrayal of the artist can, in fact, revert as a benefit to the cultural industry, for which there is probably no such thing as "bad publicity".

The fundamental aspect is to discover how de Crécy demands reality to become fantastic, and how we can decode the autofiction of this visual and graphic novel.



Izabela Potapowicz
Université de Montréal
iza.potapowicz@gmail.com

La culture littéraire et la télévision : Ce qui reste du *Phénomène Pivot*

Bien que la télévision et la lecture soient généralement perçues comme des activités incompatibles, il existe une forte présence du livre à la télévision – et ce depuis le début de cette technologie. En France, la première émission littéraire intitulée *Lectures pour tous* débute en 1953. En Espagne, où les diffusions régulières ne commencent qu'en octobre de 1956, *Tengo un libro entre las manos* est émise dès 1958. Grâce à un dispositif mêlant le littéraire, l'éducationnel et le commercial, ces émissions proposent de faire connaître des nouvelles parutions ou encore de revisiter les grands classiques. Indirectement, elles proposent aussi des *modes de lecture*. Dans ce sens, ils deviennent des agents de formation des lecteurs et participent dans la construction de canons littéraires. De plus, ces émissions littéraires influencent la distribution du livre, influençant les éditeurs et les libraires à modifier leurs stratégies de vente.

Dans cette communication, je vous propose de retracer les grands succès du livre à la télévision, en s'attardant plus particulièrement sur l'influence notable de l'émission *Apostrophes* de Bernard Pivot sur les programmes littéraires françaises, allemandes et espagnoles des dernières 30 années.

En partant du « Phénomène Pivot », ma communication permettra d'éclairer la manière dont les producteurs européens conçoivent ce que devrait être une émission littéraire et les types de modèles de lecture et de convivialité autour du livre qu'ils proposent. Ainsi, je présenterai un aspect des enjeux qui structurent l'avenir des cultures littéraires contemporaines.



Brève halte avant l'explication de texte

Depuis cent ans que Gustave Lanson l'a imposée dans l'ensemble de l'école républicaine, l'explication de texte est l'exercice majeur du « gradus ad Parnassum » littéraire. L'intention de cet exercice scolaire est transitive ; en interprétant le passage qui lui est soumis, l'élève s'ouvre vers la totalité dont ce fragment est le signe et la promesse ; il est invité à devenir l'usufruitier du vaste gisement culturel déposé par les siècles et à rallier avec ferveur cette religion laïque de l'art que le XVIIIème puis le XIXème siècle ont ordonnée autour du « culte des grands hommes ».

Or l'idéal d'universalisation de la littérature par le truchement de l'école a vécu (c'est ma thèse) ; mais il y a toujours – et c'est heureux ! – des textes dans la classe. La classe d'école : un charivari, aujourd'hui, de références multiples, éclatées, hétérogènes, pluriculturelles, où le texte littéraire débarque non hiérarchiquement entre des pages de Facebook et les trois répliques mémorables d'un film-culte. Mais (c'est mon hypothèse) cette banalisation est sa chance : dégrevé du devoir d'être vénérable, lancé démocratiquement dans le grand carrousel des textualités quotidiennes, le « texte à expliquer » regagne, dans ce milieu linguistiquement très bariolé, une force de frappe inédite. Aussi (c'est ma proposition), il faut en remettre sur son étrangeté ! Tout peut devenir désormais, même Zola..., aussi interloquant que du Mallarmé. Que chacun, une fois au moins, grâce à l'explication de texte, se sente étranger en sa propre langue : voilà le but. Et si l'expérience suscite chez quelques-uns le désir de l'habiter mieux (de façon plus singulière), ce commun langage, – alors c'est tant mieux...



João Carlos F. A. de Carvalho
Universidade do Algarve
jccarva@ualg.pt

Cultura, Literatura, Identidade e a construção de ideais nacionais

A presente comunicação pretende ser um lugar de reflexão pessoal sobre a relação entre o fenómeno cultural e o desenvolvimento das sociedades e povos. Temática demasiadamente vasta para não deixar de ter de ser circunscrita, em primeiro lugar, à constatação de apenas alguns traços, mais positivos ou mais negativos, da forma como a Cultura e os Poderes se relacionam na sociedade contemporânea (exemplos: a questão do lugar, da especificidade e da eficácia da Cultura; a questão do debate acerca da fronteira entre os saberes) e, em segundo lugar, à questão de saber se, realmente, a Cultura (e a Educação) conta(m) na construção de uma visão ou ideal de futuro para essa mesma sociedade. Todavia, cremos que será útil olharmos para a nossa história da cultura (e da literatura) para retermos alguns contributos de poetas, escritores, intelectuais, homens de cultura, para a construção de ideais mobilizadores da sociedade portuguesa (e não só), de projectos nacionais (e universais): desde a consciência crítica e o ideal de heroísmo de Luís de Camões, passando pelo Quinto Império e o Padre António Vieira, pelo Saudosismo universalista de Teixeira de Pascoais, o Integralismo Lusitano de António Sardinha (e suas relações com a direita francesa), até à Pátria Universal e o Modernismo de Fernando Pessoa ou ainda até à visão de um José Saramago ou mesmo de um Eduardo Lourenço. Todos apresentaram uma Ideia de Portugal (e de universalidade). Todos nos dão a ver que não há futuro sem uma leitura do passado que nos faça ver mais longe (tal como o anão às costas do gigante). Da primeira “globalização” do tempo dos Descobrimentos Portugueses ao recente Portugal Europeu e à Era da globalização total (cultural, tecnológica, e de cunho neo-liberal) dos nossos dias, uma questão importante emerge: a questão das identidades culturais. Ontem e hoje: o que é isso de ser português? O que é isso de uma cultura portuguesa? De uma literatura portuguesa? E que lugar ocupa essa suposta especificidade identitária no mundo complexo, global e concorrencial de hoje? Se a História da Cultura, das Mentalidades e da Literatura são instrumentos de análise imprescindíveis, os Estudos Comparados não o são menos para uma abordagem séria da problemática da identidade cultural e da construção de ideais de desenvolvimento das sociedades.

Culture, Literature, Identity and the construction of national ideals

The present communication intends to be a place of personal reflection about the relation between the cultural phenomenon and the development of societies and peoples. Thematic excessively wide to not have to be circumscribed, in first place, to the verification of only some traces, more positive or more negative, in the way that Culture and the Powers relate to each other in contemporary society (examples: the question of place, of particularity and of effectiveness of Culture; the question of the debate concerning the knowledge frontiers) and, in second place, to the question of knowing if, in fact, Culture (and Education) count(s) in the construction of a vision or future ideal for that same society. However, we believe that it will be useful to look at our cultural history (and literary) to hold back some contributions of poets, writers, intellectuals, men of culture, to the construction of mobilizing ideals of Portuguese society (and not only), of national projects (and universal): from the critical conscience and the ideal of heroism of Luís de Camões, passing through the “Quinto Império” and the Priest António Vieira, by the universalistic “Saudosismo” of Teixeira de Pascoais, the “Integralismo Lusitano” of António Sardinha (and its relations with the political French movement of Charles Maurras), until the “Pátria Universal” and the Modernism of Fernando Pessoa or still until the vision of José Saramago or even Eduardo Lourenço. All of them had presented an Idea of Portugal (and of universality). All have showed us that there is no future without a reading of the past that makes us to see further (just as the dwarf on the giant’s back). From the first “globalization” in the time of the Portuguese Discoveries to the recent European Portugal and the Age of the total globalization (cultural, technological, and neo-liberal) of our days, an important question emerges: the question of cultural identities. Yesterday and today: what is that of being Portuguese? What is that of a Portuguese culture? Of a Portuguese literature? And what place does that supposed identity specification occupy in the complex, global and competitive world of today? If History of Culture, of Mentalities and of Literature are indispensable instruments of analysis, Comparative Studies are not less important for a serious approach to the problematic of cultural identity and of the construction of development ideals of societies.

Culture, Littérature, Identité et la construction d'idéaux nationaux

Cette communication veut être un lieu de réflexion personnelle autour de la relation entre le phénomène culturel et le développement des sociétés et peuples. Thématique trop vaste pour ne pas être circonscrite, d’abord, à la constatation de quelques caractéristiques, soit-elles plus positives ou plus négatives, à propos des relations entre la Culture et les Pouvoirs dans la sociétés contemporaines (exemple: la question du lieu, de la spécificité et de l’efficace de la Culture; la question du débat sur la frontière entre les savoirs) et, deuxièmement, à la question de savoir si la Culture (et l’Education) compte(nt) vraiment pour la construction d’une vision ou idéal de future pour cette société même. Cependant, nous croyons utile regarder notre Histoire de la Culture (et de la Littérature aussi) de façon à retenir quelques apports de poètes, écrivains, intellectuels, hommes de culture, à la construction des idéaux mobilisateurs de la société portugaise (et pas seulement), de projets nationaux et universels. Dès la conscience et l’idéal d’héroïcité de Luís de Camões, le Cinquième Empire et la figure de Padre António Vieira, le Saudosismo universel de Teixeira de Pascoais, l’ Integralismo Lusitano de António Sardinha (et les rapports avec la droite française de l’époque), jusqu’à la Patrie Universelle et le Modernisme de Fernando Pessoa ou même jusqu’à la vision d’un José Saramago ou, encore, d’un Eduardo Lourenço. Tous ces exemples nous donnent à voir qu’il n’ y a pas de future sans une lecture du passé que nous permettra de regarder plus loin (comme “le nain sur les épaules du géant”). Dès la première “globalisation” du temps des Découvertes Portugaises jusqu’au plus récent Portugal Européen et l’époque de la globalisation généralisée (culturelle, technologique et néolibérale) de nos jours, une question importante se pose: celle des identités culturelles. Hier et aujourd’hui: que signifie-t-il d’être portugais? Y a-t-il une culture portugaise? Une Littérature portugaise? Et quelle est la place de cette soit disante spécificité identitaire dans le monde complexe, global et concurrentiel de notre époque? Si l’Histoire de la Culture, des Mentalités et de la Littérature sont des outils d’analyse nécessaires, les Études Comparées ne le sont moins pour une approche sérieuse de la problématique de l’identité culturelle et de la construction d’idéaux de développement des sociétés.



Uma Nova Abordagem Interdisciplinar: Da Escrita Criativa aos Estudos Crítico-Criativos

Existe uma antipatia histórica entre as áreas dos Estudos Literários (EL) e da Escrita Criativa (EC) como disciplina académica, embora a segunda tenha derivado da primeira. Frequentemente, tanto os alunos como os docentes de EC criticam os EL como sendo dogmáticos, rígidos e sustentados por uma terminologia complexa, que nem sempre exprime de forma realista o fenómeno literário. Por seu turno, os especialistas em EL desconsideram a cadeira de EC, vista como experimental, impossível de ensinar, ou demasiado baseada em técnicas e conselhos, e ainda recente nos curricula universitários (apesar de marcar presença nestes desde 1880).

No entanto, cada vez mais, as instituições de ensino superior que oferecem cursos de EC compreendem a necessidade absoluta de recorrer a conhecimentos leccionados nos EL, para melhor formar os jovens aspirantes a escritores. Refiro-me a determinados conceitos (como o de ficcionalidade, intertextualidade ou plurissignificação, por exemplo); aspectos técnicos (como as diferenças, características e códigos compositivos dos vários géneros); noções de versificação e de narratologia (tipos de narrador e de focalização, tipos de personagem, código actancial, etc.); métodos (de análise literária e de pesquisa); técnicas (corrente de consciência, ou encaixe); e outras matérias vulgarmente leccionadas em EL.

Esta interdisciplinaridade, parece-me, trará benefícios evidentes para a EC, mas também ajudará a renovar os EL, que enfrentam na Europa e no mundo, uma crise, resultante da ascensão dos Estudos Culturais e da relevância não tanto da análise do texto, mas do texto no contexto.

Estaremos a assistir ao nascer, desenvolvimento e implementação de uma nova área, os Estudos Crítico-Criativos? Baseado na minha experiência como escritor, docente de Estudos Literários e de Escrita Criativa, tenciono demonstrar as vantagens tanto para estudantes como para os escritores aprendizes desta recente abordagem interdisciplinar. Recorro também à opinião de vários ensaístas pertencentes aos campos da EC e dos EL.

A New Intertheoretical Approach: From Creative Writing to Creative and Critical Studies

There is an historical antipathy between Literary Theory (LT) and Creative Writing (CW) as an academic subject, even though the second one has derived from the first. Frequently, both CW students and teachers see LT as dogmatic, rigid and with a complex jargon, that does not always express realistically the literary phenomenon. On the other side, LT specialists dismiss CW as a merely experimental area, an “unteachable” subject, comparatively young in academic curricula (even though it became part of them in 1880).

However, a growing number of universities that offer CW courses understand the absolute need to resort to concepts, methods and connections used in LT, to better teach young aspiring writers. I refer to concepts like fictionality, intertextuality or multi-meaningness, for example); certain technical aspects (such as the differences, characteristics, and codes of the composition of various genres); notions related to versification and narratology (the typology of the narrator, point of view, narratemes, etc.); methods of literary analysis and research; techniques (stream of consciousness or inserted narration); and other subjects belonging to the field of LT.

It seems to me that this process of interdisciplinarity may bring considerable benefits to CW, and will also help renew LT, which in Europe and in the world, face a crisis, due to the recent prevalence of Cultural Studies.

Are we watching the birth, development and implementation of a new field, intertwining LT and CW — something that could be described as Creative and Critical Studies? Based upon my experience as a writer, and as a Literary Studies and CW teacher, I intend to demonstrate the benefits for both students and prentice writers of this interdisciplinary approach. I also resort to the opinion of several teachers and essayists belonging to the fields of CW and LT.



Joëlle Gleize
Université de Provence
joelle.gleize@wanadoo.fr

Lecture et matérialités du livre : les enjeux du visuel dans la littérature contemporaine

Un livre se donne à lire et à voir, il se présente et se déploie dans l'espace et le temps d'une manière spécifique, selon des dispositifs qui font appel à des modèles formels divers : jeux typographiques, mise en page, insertion d'images par exemple. L'inventivité des écrivains contemporains est à cet égard particulièrement remarquable et exigeante pour les éditeurs comme pour les lecteurs. Je voudrais m'interroger sur certaines modifications des pratiques d'écriture et de lecture liées aux arts visuels: photographie, cinéma essentiellement. J'étudierai pour cela des œuvres aussi différentes que celles de Claude Simon et Antoine Volodine, en prenant en compte les différents aspects de la matérialité du livre.



José Domingues de Almeida
Universidade do Porto
jalmeida@letras.up.pt

Statut de la Lecture et du Lecteur dans la culture littéraire contemporaine : les nouveaux protocoles.

L'approche de la contemporanéité littéraire s'est souvent effectuée du côté du texte et/ou de l'instance auctoriale, mais elle laisse entrevoir d'importantes mutations opérées également du côté du lecteur qu'un essai-roman tel que *Comme un roman* de Daniel Pennac est venue éclairer en 1992, et que d'autres apports critiques viendront confirmer.

Nous nous proposons de passer en revue ces nouvelles complexités du champ littéraire contemporain et de les systématiser en tenant compte des apports de la critique et théorie littéraire de ces dernières années ; laquelle s'est penchée sur le phénomène de la réception du texte littéraire dans le cadre de l'utilité (futilité) de la culture littéraire à notre époque (Ancion, Eco, Compagnon, etc.).

Il s'agira en tous cas d'interroger la culture littéraire contemporaine par rapport à la valeur qu'elle assigne à l'acte de lire.

The approach of literary contemporaneity has been often suggested from the text or the author's point of view, but the reader's point of view has been more and more emphasized, for example in the essay-novel *Comme un roman* by Daniel Pennac in 1992, confirmed by more recent criticism and literary studies (Ancion, Eco, Compagnon, etc.). So, reading must be questioned in the global context of contemporary literary culture as well.



De la littérature avant toute chose : exemples de gestion des cultures littéraires

Cette communication propose de penser la littérature et la valeur des cultures littéraires en dehors du cadre purement littéraire et académique et tenter d'analyser de quelle façon la littérature, au-delà de sa valeur culturelle et humaine, peut constituer une plus-value pour les pays, les communautés, les écrivains et les lecteurs.

La littérature sera entendue ici également comme un patrimoine que, d'une part, il faut maintenir et garder, et, d'autre part, auquel il est fondamental de laisser de la liberté pour continuer d'accomplir sa mission artistique, culturelle et humaine. Ces propos ne refusent pas l'existence et l'importance de ses implications sociales, notamment dans la perspective économique, surtout en ce qui concerne le tourisme.

L'idée la plus importante à relever est qu'il convient d'ouvrir de nouveaux chantiers dans le vaste et riche univers de la littérature. Les exemples ne sont pas rares, contrairement à ce que l'on pourrait penser. Toutefois, l'on assiste à une méconnaissance des moyens qui ouvrent d'autres portes, toutes grandes, aux cultures littéraires.

La présente réflexion veut partager un regard attentif sur trois exemples européens de l'usage des cultures littéraires : la ville d'Édimbourg (Écosse), les Archives et Musée de la Littérature (Belgique) et la Fundação Eça de Queiroz (Portugal).

Édimbourg est une ville littéraire reconnue par l'UNESCO comme la première « city of literature », une ville dont l'identité dépend dans une large mesure de sa littérature, ancienne et actuelle ; les Archives et Musée de la Littérature considèrent fortement la matérialité de la littérature, tout en étant un endroit essentiel pour maints chercheurs; finalement, la Fundação Eça de Queiroz est un exemple d'une institution située dans un village au Nord du Portugal que, tout en représentant un jalon important pour les admirateurs d'Eça de Queiroz, joue par ailleurs un rôle important pour le développement de la région. Avec une bonne gestion des ressources, et en ayant comme principe fondamental des politiques de développement durable, les cultures littéraires peuvent se révéler des facteurs importants pour le développement économique, sociale et culturel d'une ville, d'une région, voire d'un pays.

De la littérature avant toute chose: The Management of Literary Cultures - Case Studies

This paper aims to reflect on literature and the value of literary cultures beyond their human and cultural scope, looking outside the purely academic context. Literary heritage can be of inestimable value for countries, communities, writers and readers. Literature is understood here as a patrimony that on the one hand should be preserved, on the other should maintain its freedom so that its artistic, cultural and human mission can be fulfilled. These premises accept and recognize how important are its social implications, namely in the economy, with particular emphasis on the tourism sector.

The first priority is to outline the need to pursue new paths in the wide and rich universe of literature. Successful examples do exist despite the general lack of knowledge about ways of opening doors to literary cultures. This paper intends to take an attentive look at three European examples of the use of literary cultures: the city of Edinburgh (Scotland), the Archives & Musée de la Littérature (Belgium) and the Fundação Eça de Queiroz (Portugal).

Edinburgh was the first to be recognized as a “city of literature” and its identity relies heavily on its literary heritage. The Archives & Musée de la Littérature work mostly with the materiality of literary work within the context of research. The Fundação Eça de Queiroz is an institution in the far north of Portugal that is not only important to those who admire the work of the writer who gives his name to the institution, but also to regional development. With a sensible management of resources and with regard to sustainable development principles, literary cultures can in fact become major forces in the economic, social and cultural development of a city, a region or a country.



Luís Carlos Pimenta Gonçalves
Universidade Aberta
luispg@univ-ab.pt

L'oeuvre en français de Milan Kundera ou les malentendus de l'ignorance

Nous nous proposons lors de cette communication d'étudier à la fois les aléas de la traduction française de *La Plaisanterie* et la réception des romans écrits directement en français par Kundera qui constituent les derniers opus romanesques de l'écrivain franco-tchèque.

Nous observerons si, par-delà la langue dans laquelle est écrit le roman kundérien, la date de sa rédaction et son contexte historique, il y a rupture dans les thèmes, l'imaginaire, le style et la structure même du récit ou si, au contraire, il y a continuité d'une oeuvre qui se développe et se déploie sur quatre décennies, sous la bienveillante complicité et soutien de son éditeur français, Gallimard, et de ses lecteurs.

Nous observerons s'il y a eu dégradation de la matière kundérienne dans ses romans et essais en français comme le suggère une certaine critique à laquelle, malgré tout, il est sensible et qui lui a fait différer de trois ans l'édition française de *L'ignorance* alors que cette oeuvre était déjà disponible dans ses multiples traductions.



Estará o uso de galicismos, em Eça de Queirós, articulado com situações de poder social? Contributo(s) para um olhar cruzado entre Literatura e Linguística

Na realidade, ao falarmos de culturas literárias não podemos nem devemos ficar alheios a toda uma conjuntura social, económica, cultural e política que envolve e condiciona o modo de viver de cada sujeito. De salientar, ainda, que a (re)construção do conhecimento dos indivíduos é, também, uma consequência de um “país em movimento”, na medida em que eixos norteadores do progresso assentam em pilares inovadores, como são exemplos algumas actividades conducentes à caracterização do sector terciário, casos da hotelaria, da restauração, dos automóveis, entre outros. A segunda metade do século XIX enforma uma sociedade que não parece afastar-se desta, sobretudo, no que respeita a um grupo de intelectuais preconizadores – também eles - de novos eixos ideológicos de carácter político, cultural e social.

Assim, o quotidiano dos falantes, inevitavelmente, evidencia a ligação existente entre as actualizações linguísticas e a já mencionada conjuntura. Para tanto, veja-se o uso lexical de origem estrangeira - estrangeirismos - que convive de forma harmoniosa com o léxico enunciado pelos dicionários e com o léxico actualizado nas representações discursivas da obra literária *Os Maias*.

Mas será que as políticas económicas, culturais e sociais, da nação portuguesa daquela época, contribuem para a descrição de uma fase sincrónica da língua materna? Poderá, o uso de estrangeirismos, em meados de novecentos, intensificar a associação entre linguagem e poder social?

Para dar uma resposta a estas questões, procedeu-se à construção de um corpus baseado no já mencionado romance *Os Maias*, analisando as palavras estrangeiras de origem francesa e/ou inglesa que foram sendo recolhidas ao longo da narrativa. Tendo como quadro teórico a sociolinguística e a perspectiva sócio-semântica de Emília Ricardo Marques (1995), esta investigação conduziu às seguintes conclusões:

- A Língua Francesa contribui para a caracterização de uma fase sincrónica da Língua Portuguesa;
- O grau de instrução/cultura é um factor relevante para as opções lexicais de origem estrangeira;
- A actualização de estrangeirismos permite inferir que o seu uso se articula com situações de poder.

Are the uses of Gallicisms, in *Eça de Queiroz*, articulated with situations of social power? A Contribution to a cross view between Literature and Linguistics

In reality, when speaking of literary cultures we cannot nor should we ever become oblivious to vast social, economic, cultural and political circumstances that involve and condition the way of life of each individual. Nevertheless, we should also bear in mind, that the (re)construction of knowledge of individuals is also the result of a “country” in motion, due to the fact that the guiding force of progress is based on innovating pillars, as are some examples of conducive activities that characterise the tertiary industry, such as in the case of hotel, restaurant and automobile services, among others. The second half of the 19th century developed a society that didn't seem very far from this, above all, within a group of intellectual pioneers – who themselves – were a new ideological guiding force of a political, cultural and social character.

Thus, the quotidian speakers inevitably give evidence to the connection between linguistic updating and the above mentioned conjuncture. One has only to observe the lexical of foreign origin - foreignisms - that live harmoniously together with lexemes described in dictionaries and with updated lexemes which can be found in discursive representations in the literary work of *Os Maias*.

However, have the economic, cultural and social policies of Portugal, at that time, contributed towards the description of a synchronic phase of the mother tongue?

Can, the use of foreignisms, in the mid 19th century, intensify the association between language and social power?

To answer these questions, a construction was proceeded of a *corpus* based on the referred novel *Os Maias*, analysing the foreign words of French and/or English origin that were collected throughout the narrative. Having as a theoretic and sociolinguistic framework and, the socio-semantics perspective of Emília Ricardo Marques (1995), this research came to the following conclusions:

- The French Language contributes towards the characterization of a synchronic phase of the Portuguese Language;
- The degree of education/culture is a relevant factor for lexical options of foreign origin;
- The updating of foreignisms allows us to conclude that its use articulates with situations of power.



Margaret Rigaud-Drayton
French Christ's College – University of Cambridge
mr340@cam.ac.uk

Henri Michaux: Inscribing the Self between Word and Image

In his more or less autobiographical notes, 'Quelques renseignements sur 59 années d'existence' (1958) Michaux suggests that 1951, the year when the illustrated *Mouvements* was published, marks a significant transition in his creativity, between years of writing and a new period of activity as a visual artist. Speaking of himself in the third person, he asserts in that text that from 1951 'Il écrit de moins en moins, il peint davantage' (1). This statement is generally understood to mean that, from that year onward, his interest in visual expression began to displace an older interest in writing, as though writing and painting were neatly separate, indeed mutually exclusive activities, for Michaux. In contrast, what I would like to argue in this paper is that not only is there no straightforward equivalence between Michaux's reflections on Word and Image and his respective practices as writer and artist, but his attempts at probing the boundaries of Word and Image, highlighting their radical discontinuities while nevertheless also playfully challenging them, are key to the self-exploratory project which drives his creativity throughout. And this right from the start of his literary career, long before his inspiring 'discovery' of Surrealist visual art in 1925, let alone his supposed turn away from writing toward visual expression in 1951.

1951, the year when Michaux starts 'writing less and painting more', as it were, coincides with the publication of a landmark illustrated book. At first glance, the experimentally introspective *Mouvements* seems to verify a literal reading of his 1951 statement on his relationship to writing and painting, with its proliferating and enigmatic visual signs appearing to engulf the work's tenuous central text. However, by reading *Mouvements* against the grain of Michaux's long-standing articulation of the dynamics of Word and Image in terms of self-exploration, I will propose a different understanding of this work and of the function and relationship of Word and Image in his works as a whole.



Margaret Topping
Cardiff University
toppingm@cf.ac.uk

Travelling Images, Images of Travel in Nicolas Bouvier's *L'Usage du monde*

A recent English translation of Nicolas Bouvier's *L'Usage du monde* (1963) – a text considered a bible for a new generation of francophone travel writers – has begun to ensure a wider, international audience for an author described by one reviewer as 'Switzerland's answer to Jack Kerouac'. This travel narrative recounts the journey taken by Bouvier and his companion, Thierry Vernet, through Serbia, Afghanistan, Turkey, Iran and Pakistan over a period of nineteen months from June 1953. The richly metaphorical, humorous and erudite, yet humble, text Bouvier produced as a result of this journey is illustrated by Vernet's stark ink drawings and paralleled by Bouvier's own photographic narrative. It is on the subtle interactions between these three media that my paper will focus, relationships, variously, of complementarity, tension, ludic interplay, and/or ideological disjuncture.

The paper will explore how the interstitial spaces opened up between drawing, photograph and text prompt a rethinking of conventional paradigms of intercultural contact and, indeed, of the disciplinary boundaries of the already fluid genre of travel writing. They encourage a reconsideration of binary conceptions of self and other that shifts the traveller's and reader's gaze away from grand narratives of exploration and a Western European focalizing point. Central to my analysis will be the temporal overlays created by the juxtaposition of photographic instantaneity, textual retrospection and the median space of the drawn image, as well as the ongoing journeys taken by Bouvier's text through its different editions and translations. In keeping with Bouvier's own refusal of monolithic discourse in the context of intercultural contact, the text continues to evolve as each new editorial decision on the inclusion and positioning of the photographs and drawings inflects image and text in different ways.

Ultimately, the paper will propose that the interaesthetic nature of *L'Usage du monde* can be interpreted as a metaphor for the processes of cultural translation and transculturation that are central to Bouvier's travelling ethos.

Images qui voyagent, images du voyage dans *L'Usage du monde* de Nicolas Bouvier

Grâce à de nombreuses traductions récentes, les oeuvres de Nicolas Bouvier (1929-1988) – écrivain décrit par un de ses critiques comme ‘le Jack Kerouac de la Suisse’ – deviennent de plus en plus connues en dehors de la France et de la Suisse. Pour une nouvelle génération d’écrivains voyageurs, l’un de ses textes, *L'Usage du monde* (1963), est même considéré comme une sorte de Graal. Ce récit raconte le voyage entrepris par Bouvier et son compagnon de voyage, Thierry Vernet, à travers la Serbie, l’Afghanistan, la Turquie, l’Iran et le Pakistan pendant une période de dix-neuf mois, à partir de juin 1953. Le texte qu’en a produit Bouvier est riche en métaphores, rempli d’humour et d’érudition – et, en même temps, d’humilité. Il est de plus illustré d’une série de dessins à l’encre par Vernet (qui, à première vue, semblent plutôt rudes); et, en parallèle à ces dessins, se trouve la narration photographique du voyage de Bouvier lui-même. Mon intervention portera sur les interactions subtiles entre ces trois moyens d’expression : texte, dessin et photographie. Ces relations varient entre la complémentarité, la tension, l’interaction ludique, et/ou la disjonction idéologique.

Je me propose d’analyser la façon dont les espaces liminaux créés par l’interaction des dessins, des photographies et du texte provoquent une remise en cause des paradigmes de contact interculturel conventionnels. Ils encouragent un nouvel examen des conceptions binaires du soi et de l’autre, ce qui détourne le regard du voyageur et du lecteur des grands récits d’exploration et d’expansion du XIXème siècle et décentre le point de vue de l’Europe occidentale. Cette intervention se concentrera sur les superpositions temporelles créées par la juxtaposition de l’instantanéité photographique, la rétrospection textuelle et l’espace intermédiaire de l’image dessinée, ainsi que sur les voyages continus entrepris par le texte de Bouvier sous forme de nouvelles éditions et de traductions. Suivant le refus de Bouvier lui-même des discours monolithiques dans le domaine du contact interculturel, le texte continue à évoluer alors que chaque décision éditoriale sur l’inclusion et la position des photographies et des dessins fléchit l’image et le texte de façons différentes.

En fin de compte, mon intervention proposera que la nature interesthétique de *L'Usage du monde* peut s’interpréter comme une métaphore des processus de traduction culturelle et de transculturation qui sont fondamentaux à l’éthique du voyage de Nicolas Bouvier.



Margarida Reffóios
Universidade de Évora
mgsr@uevora.pt

Do encontro da Literatura com a Medicina

Je ne crois pas aux choses mais aux
relations entre les choses.

Georges Braques

Partindo de exemplos retirados da Literatura Francesa, tentaremos analisar, à luz da Medicina, as doenças associadas à mulher medieval.

Faremos, assim, uma viagem pela História da Medicina, mostrando como esta Ciência do Saber se dilui tão harmoniosamente no texto literário.

Em suma, é nosso desejo provar a especificidade e a eficácia de aspectos de uma cultura comum que beneficia, no contexto actual, a multidisciplinaridade entre as diferentes artes, tão comum já no século XII.

Je ne crois pas aux choses mais aux
relations entre les choses.

Georges Braques

Having as a starting point examples taken from the French Literature we aim at analysing, at the light of Medicine, the diseases associated to the medieval woman.

We will, thus, embark on a journey through the history of Medicine, showing how this Science of Knowledge is harmoniously combined in the literary text.

To conclude, it is our desire to prove the specificity and the effectiveness of aspects of a common culture which, in the current context, benefits the multidisciplinary among different arts, already common in the 12th Century.



Margarita Alfaro Amieiro
Université Autonome de Madrid
margarita.alfaro@uam.es

Pluralisme axiologique ou cohérence culturelle: l'enseignement du champ de la littérature interculturelle

L'enseignement de la littérature nous situe au cœur de certaines contradictions mises en valeur par les réformes de nos études universitaires. D'une part, la littérature est conçue en tant que transmission de plusieurs ensembles historiques où le plus significatif est une approche diachronique de la culture. De l'autre, s'impose progressivement la tendance actuelle à supprimer la vision historique et à considérer la littérature comme la projection d'un système cohérent lié à l'actualité culturelle où certains contenus disparaissent en faveur de la simplification.

Or, les deux tendances ne doivent pas se présenter comme irréconciliables au plan de la transmission des contenus. L'enseignement de la littérature au niveau supérieur peut être conçu comme un ensemble complexe articulé autour d'interférences diverses où l'étudiant apprend à se situer, soit au plan conceptuel, soit au plan figuratif, au moyen du raisonnement analogique et notamment à sentir la littérature comme une expérience esthétique, disons une expérience intime.

En partant de cette perspective, nous proposons, au cadre du programme des études officielles de Master du Département de Philologie Française de L'Université Autonome de Madrid, l'approche interculturelle en rapport avec le caractère plurilingue de l'Europe actuelle. À notre avis, les programmes d'études littéraires peuvent être élaborés en partant de la polarité littérature nationale / littérature interculturelle et penser au travail de l'enseignant comme le lieu d'un transfert où connaissance, interprétation analytique et participation ouvrent la voie vers l'intercompréhension. Un des objectifs nucléaires est donc d'impulser l'évolution sociale, culturelle et technologique au sein d'une société qui veut intégrer la connaissance, l'interculturalité et le plurilinguisme. En ce sens nous travaillons le cursus intitulé Littératures des pays francophones, à la frontière entre le pluralisme axiologique et la cohérence culturelle. En effet, l'étude des littératures francophones peut se faire dans un contexte plus large, du point de vue culturel, intellectuel, sociologique, institutionnel, historique et social. Finalement, l'approche contextuelle permet de mettre en valeur les interactions des champs littéraires et des écrivains qui thématisent l'hybridation et enrichissent le canon esthétique traditionnel assujéti à une littérature nationale.

Axiologic pluralism or cultural coherence: teaching the subject of intercultural literature

The teaching of literature, place us in the centre of some contradictions that characterise the reforms of the actual university studies. From one side literature is understood as the transmission of multiple historical wholes where the most significant is a diachronic cultural approach. On the other, prevails in a progressive way the actual trend of leaving out the historic vision and to consider literature as a projection of a coherent system linked to the cultural present where some contents disappear for simplification.

But the two tendencies must not be presented as irreconcilables from a contents transmission perspective. Literature teaching at high level can be understood as a complex group formed by diverse interferences where the student can learn to place himself, whether in a conceptual or in a figurative level, in the middle of the analogical reasoning and specially to feel literature as an esthetical experience, that means an intimate experience.

Starting from this perspective, we propose in the frame of the programme of official studies of the Master of the Philologie Française Department of the Universidad Autónoma of Madrid, the intercultural approach in relation with the multilingual character of the actual Europe. From our point of view, the literature studies programmes can be elaborate starting from the polarity national literature / multicultural literature and think on the work of the professor as the place of transfer or knowledge, analytic interpretation and participation opening the way to the intercomprehension. One of the central objectives is to impulse the social, cultural and technological evolution in a society that wants to integrate knowledge, different cultures and languages. From this point of view we work the course named *Littératures des pays francophones*, in the frontier between the axiologic pluralism and the cultural coherence. The study of French speaking literatures is done in a wide context: cultural, intellectual, institutional, historic and social, that allows to underline the interactions between the literature domains and the writers that use as topic the hybridization and enrich the traditional aesthetic canon of the national literatures.



Maria da Conceição Maltez
EB2,3 c/Secundário de Aguiar da Beira / CLC - Universidade de Aveiro
maltez.mc@netcabo.pt

A leitura de dispositivos electrónicos

Numa primeira parte, propomo-nos abordar as acções do leitor na matéria textual e mostrar alguns percursos hipertextuais, reflectindo sobre o tipo de relações que se estabelecem com as obras electrónicas.

Numa segunda parte, apresentaremos alguns exemplos de obras interactivas a partir de uma base de dados criada por Serge Bouchardon (actualizada em 2008), o que nos permitirá abordar algumas questões em torno da edição electrónica em linha.

Reading on digital devices

In a first part, we propose to focus on the reader's actions in textual subjects and show some hypertextual paths, considering the type of relations established with digital creations.

In a second part, we will present a few examples of interactive creations from a data base by Serge Bouchardon (last updated in 2008). This will allow us to approach some issues about electronic editions on line.



Maria de Fátima Outeirinho
Universidade do Porto
outeirinho@letras.up.pt

Culturas Literárias e Cultura Digital: percursos, cruzamentos e desafios

Integrados que estamos numa “sociedad red” (Castells, 2001) e caracterizando-se a contemporaneidade pela experiência de uma cultura digital com consequências profundas nos mais diversos domínios da actividade humana e, por conseguinte, também no que toca à criação literária, aos Estudos Literários e ao ensino da Literatura, procurar-se-á, na presente comunicação, reflectir sobre percursos, cruzamentos e desafios que o hipermédia potenciou ou pode potenciar, ao nível da construção e difusão das culturas literárias, já que permite, por um lado, explorar um fazer artístico numa articulação com as novas tecnologias da informação e da comunicação, num processo que se pretende produtivo e enriquecedor e, por outro lado, potencia novos modos de contacto e abordagem do facto literário do ponto de vista da recepção, pois como observa Roger Chartier, « Le nouveau support de l’écrit ne signifie pas la fin du livre ou la mort du lecteur. Tout au contraire, peut-être. Mais il impose une redistribution des rôles dans l’économie de l’écriture, la concurrence (ou la complémentarité) entre divers supports des discours et une nouvelle relation, tant physique qu’intellectuelle et esthétique, avec le monde des textes (Chartier, 2001).

Ora, pensar as práticas de leitura contemporâneas é tanto mais vital quanto no domínio em que nos situamos, a leitura é ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Assim, eleger-se-ão como eixos maiores de reflexão:

- a) a instauração de novos modos de relação na tríade autor/texto/leitor: o autor como elo de uma cadeia colaborativa agora oculto nos bastidores, o texto e o seu funcionamento hipertextual, o leitor digital de protagonismo crescente ou nas palavras de Fernanda Bonacho, “the reader (...) simultaneously audience and actor (Bonacho, 2007).
- b) o uso e exploração de um suporte digital, potencialidades e limites: virtualidades da acessibilidade e rapidez no contacto com o facto literário); desafios no sentido de desenvolver estratégias e-educativas (Aguirre, 2002), fomentando uma aprendizagem colaborativa, situada e uma maior literacia digital.

Cultures Littéraires et Culture Digitale: parcours, intersections et défis

Vu que nous sommes intégrés dans une «sociedad red» (Castells, 2001) et que la contemporanéité se caractérise par l'expérience d'une culture digitale aux conséquences considérables aussi bien au niveau des domaines les plus divers de l'activité humaine qu'au niveau de la création littéraire, des Études Littéraires et de l'enseignement de la Littérature, il s'agira dans cette communication de réfléchir aux parcours, intersections et défis que l'hypermédia a développé ou peut développer, d'abord en ce qui concerne la construction et diffusion des cultures littéraires, en permettant l'exploration de démarches artistiques en articulation avec les nouvelles technologies de l'information et de la communication, dans un processus productif et enrichissant, et ensuite en ce qu'elle développe de nouveaux moyens d'approche, du fait littéraire du point de vue de la réception, car, et Roger Chartier le souligne, «Le nouveau support de l'écrit ne signifie pas la fin du livre ou la mort du lecteur. Tout au contraire, peut-être. Mais il impose une redistribution des rôles dans l'économie de l'écriture, la concurrence (ou la complémentarité) entre divers supports des discours et une nouvelle relation, tant physique qu'intellectuelle et esthétique, avec le monde des textes» (Chartier, 2001).

(Re)penser les pratiques de lecture contemporaines est d'autant plus vital que la lecture est l'outil fondamental dans le processus d'enseignement-apprentissage. De ce fait, voici les axes majeurs de réflexion à suivre:

a) l'instauration de nouveaux moyens de relation pour ce qui est de la triade auteur/texte/lecteur: l'auteur en tant que maillon d'une chaîne collaborative caché maintenant dans les coulisses, le texte et son fonctionnement hypertextuel, le lecteur digital à visibilité croissante ou selon les mots de Fernanda Bonacho, «the reader (...) simultaneously audience and actor» (Bonacho, 2007).

b) l'emploi et l'exploration d'un support digital, potentialités et limites: virtualités de l'accessibilité et rapidité de contact avec le fait littéraire; défis en ce qui concerne le développement de stratégies e-éducatives (Aguirre, 2002), favorisant un apprentissage collaboratif, situé et une plus large littératie digitale.

Literary Cultures and Digital Culture: paths, crossings, challenges

Contemporary times are characterised by the experience of a digital culture with deep consequences in different fields: literary creation, Literary Studies or teaching literature. As a teacher and researcher living in a "sociedad red" (Castells, 2001), the main goal, in this present paper, is to contribute to the overall discussion related to the crossings and challenges that the hypermedia develops or can develop in what regards the construction and diffusion of the literary cultures, because, in the one hand, hypermedia allows to explore artistic creation in a joint with information technologies and, on the other hand, it carries out new ways of approaching literary text. In fact, as Roger Chartier observes, « Le nouveau support de l'écrit ne signifie pas la fin du livre ou la mort du lecteur. Tout au contraire, peut-être. Mais il impose une redistribution des rôles dans l'économie de l'écriture, la concurrence (ou la complémentarité) entre divers supports des discours et une nouvelle relation, tant physique qu'intellectuelle et esthétique, avec le monde des textes (Chartier, 2001).

Within the teaching of literature is vital to think and to analyse contemporary reading practices since the reading is a basic tool in the teach-learning process. Thus, we will focus on three main issues:

- a) the instauration of new ways of relation implying the triad author/text/reader: the author as a now occult link of a collaborative chain; the text and the hypertextual process; the increasing importance of digital reader or, in the words of Fernanda Bonacho, "the reader (...) simultaneously audience and actor (Bonacho, 2007).
- b) the use of digital, potentialities and limits: potentialities of the accessibility and rapidity in the contact with the literary fact; challenges in what regards the development of e-formation strategies (Aguirre, 2002), in order to increase a collaborative, situated learning and a effective digital literacy.



Maria Hermínia Amado Laurel
Universidade de Aveiro
hlaurel@ua.pt

La littérature : Pour qui ? Pourquoi ? ... De l'utilité du beau, aujourd'hui

La réflexion autour de l'utilité du beau, à laquelle Théophile Gautier a prêté une contribution exquise dans le texte que l'histoire littéraire nous a habitués à identifier comme la préface au roman *Mademoiselle de Maupin*, ne semble pas avoir perdu son actualité.

Effectivement, cette question a depuis longtemps dépassé le cadre spécifique de la réflexion esthétique romantique où elle avait suscité les plus vives discussions.

La question de l'utilité de certains savoirs, dont le littéraire, se trouve actuellement au cœur de la discussion universitaire. Celle-ci s'interroge sur l'avenir des « humanités », domaine qui semble réunir le plus grand nombre de disciplines censées être « inutiles », de par leur incapacité à se constituer en sources de revenus. Vision du monde qui n'est pas loin d'évoquer, à son tour, celle d'un certain maire qui évaluait les beaux arbres de sa commune au revenu qu'ils pouvaient lui apporter.

Puisque la littérature constitue, elle-même, le champ d'une réflexion soutenue sur la question de sa propre utilité, en tant qu'objet esthétique, et de l'utilité de certaines visions du monde et de certaines options politiques pour le développement des sociétés, nous nous proposons d'aborder, dans cette communication, la question de l'utilité des études littéraires en nous arrêtant sur l'attribution de certains prix littéraires, dont le prix Nobel. Ce prix constitue l'une des instances majeures qui légitiment la permanence du littéraire dans la société du spectacle qui est la nôtre, et que certains, dont G. Steiner, entre autres, ont si bien su caractériser.

Il s'agirait alors de saisir le sens de "littérature" pour ceux qui la font exister, d'après les discours prononcés à cette occasion – les écrivains lauréats, et dont le travail est justement reconnu, et légitimé, au plus haut niveau, pour ce que leurs livres apportent. Les discours prononcés par les auteurs constituant, à leur tour, des éléments de "médiation" entre les auteurs et le "grand public".

Literature: For whom? What for? On the purpose of beauty, today

The reflection on the purpose of beauty “l'utilité du beau“, to which Théophile Gautier has contributed in a most exquisite way in the text that Literary History that we are accustomed to identify as the preface to *Mademoiselle de Maupin's* timeless novel, which is still far from being out of date.

In fact, this question has long ago surpassed the specific context of the reflection on romantic aesthetics which has provoked the most heated discussions. The question of the purpose of certain kinds of knowledge, within literature, is one that nowadays is at the very heart of university discussions. The university questions itself about the future of humanities, a domain which seems to resemble the majority of disciplines considered as « useless », because of their inability to become a source of revenue. By seeing things this way, on the other hand, is not far from that of a certain mayor who would evaluate the beautiful trees of his village on the monetary benefits which they could bring him to his municipality. Stendhal invites us to revisit this character in his novel *The Red and the Black*.

As long as literature constitutes, in itself, the domain of a complex deflection on its purpose, as an aesthetic object, and about the purpose of a certain vision of the world and of certain political options towards the development of societies, we intend to approach, in this paper the question of the purpose of literary studies by analysing the attribution of certain literary prizes, among which the Nobel prize. This prize constitutes one of the major instances which legitimates, at the highest level the continuity of literature in the société du spectacle which our society is, as certain thinkers, as for instance, G. Steiner, among others, have so well characterized.

We intend to grasp the sense of literature, for those who make it exist, by analysing the speeches that they give when receiving the Noble prize. The awarded writers whose work is justly recognized and legitimated, at the highest level, through what their books have brought to us, the readers. The speeches they give on these occasions constitute, in turn, the elements of mediation between the authors and the great public.



Maria de Jesus Cabral
FCT / Universidade Aberta
mariajesu@gmail.com

« Le fabricant d'histoires se cache toujours en nous »... communication & récit : un outil durable ?

Nous vivons en un temps curieux : d'un côté un éclatement des systèmes d'information globalisés, créant de nouveaux supports et de nouveaux modes de communication, de nouveaux concepts et de nouveaux rapports au temps, à l'espace, à autrui... De l'autre une crise sans précédent du discours, de la narration, de l'interaction humaine. La complexité de cette relation entre profusion et indigence, entre inflation et soupçon se manifeste dans le déclin des valeurs culturelles, que nous percevons très - trop - souvent dans notre milieu d'intervention académique.

Comment faire la différence, allier savoir et expérience sans rendre inintelligible, sans pour autant tomber dans la vulgarisation, dans la standardisation ? Comment, plus que tout, promouvoir le goût du jeu esthétique et engager le récepteur dans cette sorte de 'parité secrète' - qu'évoquait Mallarmé dans «Magie» - et qui reste l'essence même de l'art ?

En nous inspirant de l'extrait du discours Doris Lessing à l'occasion de la remise du prix Nobel de la littérature en 2007, nous nous proposons de regarder de près quelques usages et mésusages actuels du *storytelling*, pour les interroger ensuite à la lumière de la notion de fiction, telle qu'elle a été suggérée à partir de Mallarmé, et pour essayer de déchiffrer les enjeux, tant esthétiques que stratégiques, qui sous-tendent cette *pratique*. Jusqu'où sera-t-elle «notre Phénix»?

“The storyteller is deep inside everyone of us”... communication and narrative: a sustainable tool?

We live in a curious time: on one side the unprecedented rupture of global information systems, creating new formats and new modes of communication, new concepts and new relationships of time, of space and of the other one, on the other side the difficulty to communicate, exchange and interact. The complexity of this relationship between profusion and indigence, between inflation and soupçon is expressed in a deficit of cultural values which we frequently verify in our academic activities.

How do we make a difference, capture someone’s attention, without falling into *unintelligibility* – or worst, into triviality –? How to promote aesthetic complicity and involve the audience in a kind of “secret parity” – as stated by Mallarmé in “Magic”, which remains the essence of art?

We will attempt to answer these questions with the inspirational words of Doris Lessing’s Nobel lecture (2007). Firstly, we will present different current uses and false uses of “storytelling”. Secondly, we will question them according to the notions of fiction, as was first suggested by Mallarmé. And lastly, we will try to clarify the main aesthetic and strategic issues which are covered by this *practice*. To what extent is this “our Phoenix”?



Maria Manuel Baptista
Universidade de Aveiro
mbaptista@ua.pt

Cultura: investigar e ensinar - a situação presente e os desafios futuros

A investigação e o ensino da Cultura tornaram-se na última década elementos cada vez mais presentes nos contextos universitários. Tal facto deve-se em primeiro lugar, à valorização social crescente que tem sido concedida a esta área, quer nos mais latos e clássicos domínios da formação humanística e artística, quer enquanto factor de conhecimento e compreensão das novas dinâmicas sociais e culturais da contemporaneidade. Acresce ainda a esta valorização académica e social, a tomada de consciência generalizada do potencial económico que detém, tendo mesmo nascido recentemente uma área científica auto-designada por Economia da Cultura.

Partindo do recente reconhecimento da importância deste domínio, quer no que respeita à investigação quer ao ensino universitário (em Portugal como a nível Internacional), o presente trabalho procurará fazer o levantamento dos principais desafios teóricos, práticos, metodológicos e académicos desta área do saber, assumindo como ponto de partida para a reflexão a tradição anglo-saxónica dos Estudos Culturais, questionando as suas limitações e dificuldades epistémicas, mas também assumindo as virtualidades que lhe são próprias e que se encontram ainda longe de estarem exauridas.



Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos & Manuel José Silva
Universidade do Minho
giraodossantos@clix.pt

Da poética inter-artes ao zapping cultural...

Haverá, porventura, suporte mais relevante para o mito literário do que as artes figurativas? Longe de se reduzirem a meras ilustrações, elas conferem-lhe, como texto outro, uma expressão inédita, passível de esclarecimento de um qualquer detalhe que a 'versão' literária negligenciou. Assim é que a iconografia esteve, desde os tempos primordiais eliadianos, ao serviço da mitologia (a pintura mural – e os frescos... – visível nos edifícios públicos, a escultura patente nos frontões dos templos e nos frisos das colunatas, bem como a cerâmica, privilegiando ora a figura negra, a destacar-se num fundo vermelho de argila, ora a figura vermelha, executada por contraste numa superfície negra).

Ao longo dos tempos, têm-se as semióticas sincréticas quedado em complexos sistemas de significação, verbais e não verbais, configurando o indelével dinamismo de figuras míticas de inspiração e de criação, desde Helena e Menelau, caricaturados por Daumier, passando por Édipo e a Esfinge, pintados sucessivamente por Ingres (1808), por Gustave Moreau (1864) e por Max Ernst (1922), até Orfeu, glorificado pela música clássica ("The soul of Orpheus"), pela ópera ("Orpheus in the Underworld"), pelo cinema ("Orphée") e pela composição gráfica da revista fundadora do primeiro modernismo português.

Hoje em dia, as práticas culturais diversificadas, sob o signo da moderna correspondência inter-artes advogada por Baudelaire, tendem a fundir-se, confundindo-se: desta osmose constituem provas flagrantes a transposição das Fábulas de La Fontaine, oriundas desse 'tempo em que os animais falavam', em baralho de cartas, a adaptação fílmica do romance de Bram Stoker (o vampiro Drácula de Coppola e a visita mítica à cidade medieval de Sighisoara), a reconstituição virtual das antigas cidades de Herculano e de Pompeios ("Come erano e come sono") - descrita pictoricamente em Arria Marcella de Théophile Gautier - graças às novas tecnologias...

E o que dizer da banda desenhada que imortalizou o Crítias de Platão e a Atlantide de Pierre Benoît (pela mestria de Edgar P. Jacobs), que penetrou na proustiana arte de Elstir (numa feliz adaptação de Stéphane Heuet), alicerçada na metáfora como equivalente da memória involuntária, e que recriou, com surpreendente fidelidade, os flaubertianos Trois Contes?

Suportes não literários, as inter-artes, que não deixam de se assumir, no âmbito dos estudos comparatistas, como um veículo essencial de expansão e de 'modernização' incessantes do mito, tendem para os jogos interactivos, praticando um sincretismo por vezes brutal e amalgamando substratos míticos heterogéneos. Não tenderia a especificidade da literatura "tout court" a delir-se paulatinamente se não fosse esta globalização da cultura e esta universalização de uma linguagem plural?

"Last but not least", quedemos-nos, nos meandros deste zapping cultural, na televisão, que divulgou nomes sonantes tão somente conhecidos de uma elite intelectual. Foi o caso do comunicador X (exímio propagador da cultura francesa), que não nos furtamos, por breves instantes, a visitar...

From inter-arts poetics to cultural zapping...

Will there be a more relevant basis for the literary myth than figurative arts? Far from being no more than mere illustrations, they endow this “other” text with a novel expression, one that invites clarification of any minor details overlooked in the literary ‘version’. Such has been the role of iconography since primeval Eliadean times, at the service of mythology (mural paintings – and the frescos... - visible on public buildings, on the sculptures adorning temple frontons and on the colonnade friezes, as well as the ceramic art pieces, sometimes favouring the black figure, standing out against a red clay background, sometimes the red figure, placed against a black surface).

Syncretic semiotics have kept through time to complex verbal and non-verbal systems of meaning, embodying the ineffaceable dynamics of mythical inspirational and creational figures, from Helen and Menelaus, caricatured by Daumier, through Oedipus and the Sphinx, successively portrayed by Ingres (1808), Gustave Moreau (1864), and Max Ernst (1922), to Orpheus, glorified by classical music (“The soul of Orpheus”), the opera (“Orpheus in the Underworld”), the cinema (“Orphée”), and the graphic layout of the founding magazine of the First Portuguese Modernism.

Today, under the sign of the modern inter-arts correspondence claimed by Baudelaire, the different cultural practices tend to fuse together, and be confused: we can see clear evidence of this osmosis in the transposition of La Fontaine’s fables, from the “days when animals talked”, into a pack of cards, the adaptation to film of Bram Stoker’s novel (Coppola’s vampire, Dracula, and the mythical visit to the medieval town of Sighisoara), the virtual recreation of the ancient Roman towns of Herculaneum and Pompeii (“Come erano e come sono”) – pictorially described in Théophile Gautier’s *Arria Marcella* – thanks to the new technologies...

And what can be said of the comic strips which (by Edgar P. Jacobs’s masterful hand) immortalised Plato’s Critias and Pierre Benoit’s Atlantide, penetrated the Proustian art of Elstir (in a fortunate adaptation by Stéphane Heuet), grounded on metaphor as an equivalent to involuntary memory, and recreated, with surprising faithfulness, the Flaubertian *Trois Contes*?

The inter-arts, which assert themselves in the field of comparative studies as an essential vehicle for a permanent expansion and ‘modernisation’ of myth, tend to favour, as non-literary means of expression, the interactive games, practising a, sometimes, brutal syncretism, and amalgamating mythical heterogeneous substrata. One wonders whether the specificity of literature, “tout court”, would not tend to slowly vanish, were it not for this globalisation of culture and this universalisation of a plural language?

Last but not least, let us pause halfway through the meanders of this cultural zapping, and consider television, which put on the world stage names that were only known to an intellectual elite. Such was the case of the communicator X (an eminent promoter of the French culture), who we will not shun to briefly revisit...



Enseñanza – aprendizaje de la literatura francesa en el grado de Humanidades: reflexiones y propuestas metodológicas

Si bien en unas pocas universidades españolas hay experiencias piloto en los estudios universitarios de acuerdo con el plan europeo de convergencia de enseñanza superior, sí que son muchas las que están reflexionando en las múltiples redes de innovación educativa organizadas desde los Institutos de Ciencias de la Educación y los Vicerrectorados de armonización europea. En nuestro caso particular el haber formado parte de un grupo de trabajo para los estudios del nuevo grado de Humanidades así como nuestra experiencia docente nos ha permitido realizar reflexiones de cómo abordar la enseñanza – aprendizaje de la literatura francesa en dichos estudios.

Efectivamente una de las cosas que conlleva el nuevo planteamiento - para algunos revolucionarios - de los estudios universitarios es que la orientación de estos tienen que formularse en base a competencias tanto genéricas como específicas y todas ellas marcadas por las salidas profesionales que se ofrecen a los discentes y por ende regidas por las necesidades de estos últimos. En cuanto a la enseñanza – aprendizaje de la literatura francesa ya no se trata tanto de ofrecer una docencia de contenidos conceptuales, muy a menudo establecidos tradicionalmente en orden diacrónico, sino más bien de proponer un plan y unas tareas de aprendizaje que les permita alcanzar unos objetivos tanto conceptuales, procedimentales como actitudinales acordes con las competencias requeridas en los egresados. Si una de las salidas propuestas por el libro blanco de la Aneca para los estudios de Humanidades es la de “gestor cultural”, y dentro de este itinerario la presencia de al menos una lengua extranjera (estudiada no sólo para asegurar una competencia comunicativa, sino también en sus vertientes socio culturales y artísticas) nos proponemos desarrollar las reflexiones y principios metodológicos que entendemos necesarios para asegurar la adquisición de la competencia en literatura francesa.

Aprovechando que una de las competencias transversales requeridas en estos estudios es el uso óptimo y aprovechamiento de las TICs (nuevas tecnologías de la información y de la comunicación) centraremos nuestra comunicación en la explotación de dichas herramientas para la construcción del conocimiento y de la competencia en literatura francesa, esta última planteada desde una aproximación pluridisciplinar. Hoy en día la enseñanza – aprendizaje de la literatura cualquiera que sea su ámbito lingüístico, geográfico y cultural de pertenencia sólo puede entenderse desde una aproximación comparatista que involucre diferentes literaturas y artes en general.

Direct teaching – learning French literature in the Humanities studies degree: reflections and methodological proposals

If, indeed, at the moment in Spain there are only a few universities that have started courses adapting to the requirements of European convergence, it is no less true that most of them have been around few years dedicating deep efforts to reflection and preparation towards convergence of European Higher Education. Thus through the Institutes of Science Education and vice-chancellorship of European Harmonization, many groups of studies and research in Higher Education have been devoting to the analysis of the scope of this change within the university. A revolutionary change, undoubtedly, since it involves the orientation and determination of the latter in terms of skills both generic and specific, recognition of the professional opportunities, and therefore defined and designed exclusively in terms of the students' needs.

As far as concerns our subject, French literature, it is no longer taught from the conceptual content very often traditionally established on a diachronic or a synchronic basis, but contrary for learners of a program and learning activities that enable them to achieve multiple objectives (conceptual, strategic...) in accordance with the skills to acquire. If one of the professional profiles established by the ANECA¹ White Paper for Humanities studies is that of "cultural management" and in this route the presence of at least one foreign language, addressed not only on how to develop and assert a communicative competence in all its dimensions, but also on laying stress on the socio cultural and artistic knowledge, we propose in this communication to expose some reflections and methodological proposals that we think necessary to ensure students in the acquisition of competence in French literature.

Taking into account that a cross-cutting skill required in these studies is knowledge and mastery of new information and communication technologies, we are targeting our contribution to the exploitation of French literature with the assistance of these tools so as to ensure the students' construction of literary knowledge, the latter based on a multidisciplinary approach. At present direct teaching - learning literature, regardless of its linguistic geographical, cultural provenance, can not be designed without a comparative approach (how small it could be) that involves several literature and arts in general, and all the truest in these studies.

¹ Spanish National Agency of Quality Evaluation and Accreditation for Higher Education.



La série télévisée « *Kaamelott* » ou la matière Arthurienne revisitée

Le phénomène relativement récent de la multiplication des adaptations de textes littéraires (au théâtre, au cinéma, à la télévision et dans la BD) est la conséquence historique de changements dans les champs artistiques et culturels. L'apparition de nouveaux arts narratifs comme le cinéma ou la bande dessinée, ainsi que de nouveaux canaux de diffusion, favorisent la prolifération des récits et conduisent à situer la littérature comme un discours parmi d'autres discours avec lesquels elle entretient plusieurs modes d'interaction, de conversion et de contamination.

La légende du roi Arthur a profondément marqué la culture occidentale et semble aujourd'hui revenir en force, si on en juge par les nombreux avatars comiques ou pseudo-épiques qui surgissent sur les supports médiatiques les plus variés. En effet, la Matière arthurienne a connu de nombreuses réécritures depuis le Moyen Âge en passant par l'Angleterre victorienne (qui en orchestre la «renaissance»), jusqu'à l'époque contemporaine, séduite par les personnages et les aventures du royaume d'Arthur.

Ces nouveaux textes arthuriens, qu'il aient repris les principaux personnages de la Matière de Bretagne, qu'ils en aient créé d'autres, ou leur aient attribué de nouvelles aventures, n'entretiennent plus parfois qu'un vague rapport avec le monde médiéval. Le mythe du roi Arthur semble servir aussi à exprimer les angoisses ou les fantasmes qui participent d'une vision du monde très contemporaine, et, pour citer Durand, « *Ce qui importe dans le mythe ce n'est pas exclusivement le fil du récit mais aussi le sens symbolique des termes* ». (Durand, G. (1992). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*). Le mythe, selon l'auteur, étant l'un des modes de l'imaginaire dont la dimension universelle est le fond et non la forme, les adaptations racontent et mettent en scène un vécu, que le choix et l'agencement des symboles servent à « représenter ».

Nous proposons d'aborder ces questions à la lumière de la série télévisée française « *Kaamelott* » de Alexandre Astier et Yves Robin créée en 2006. Cette série dite « de fantaisie historique » qui s'inspire de la Matière arthurienne, connaît une popularité croissante dont les nombreux « produits dérivés » témoignent : la série constituée à l'origine d'épisodes de trois minutes trente diffusés quotidiennement sur la chaîne de télévision M6 est passée à un format plus long, donnant naissance à des DVD, des livres (Éric Le Nabour, Martin Aurell, *Kaamelott* Tome I et II Éditions Perrin), des bandes dessinées (Alexandre Astier, Steven Dupré, *L'Armée du Nécromant* Casterman 2006 ; *Les Sièges de Transport* Casterman 2007), une trilogie de long-métrages dont la sortie est annoncée pour 2009, et les droits de la série ont été vendus en Italie et en Espagne, montrant que les inspirations médiévales et « celtiques » sont aujourd'hui très prégnantes.

TV series « *Kaamelott* » or the Arthurian material revisited

The proliferation of adaptations of literary texts (in theatre, cinema and cartoon) is a relatively recent phenomenon. It is the historical consequence of changes in the artistic and cultural areas. The appearance of new audiovisual media and of new narrative arts such as cinema and cartoon promote the proliferation of the stories and situate literature as a discourse which develops modes of interaction, conversion and contamination with other discourses.

The legend of King Arthur has deeply marked western culture and seems to be coming back nowadays if we consider the many comic or pseudo-comic adaptations in numerous media. There have been many rewritings of the Arthurian material since the Middle Ages through Victorian England (which is responsible for its renaissance) up to the modern society which is attracted to the characters and adventures of Arthur's kingdom.

In some cases, these new Arthurian texts are only vaguely related to the medieval world, whether they represent the main characters of the tales of Brittany, they have created new characters or new adventures for the earliest characters. Furthermore, the myth of King Arthur seems to express the distress and phantasms which are inherent to a contemporary vision of the world. According to Durand, "What matters in myth is not exclusively the plot but also the symbolic meaning of the terms." Myth is thus a mode of the imaginary whose universal dimension is content instead of form. The adaptations tell and stage an event which the choice and setting of symbols "represent".

We shall approach these issues in relation to the French TV series « *Kaamelott* » created in 2006 by Alexandre Astier and Yves Robin. This series of supposed « historical fantasy » has become increasingly popular and has given way to many « derived products ». Indeed, the series, which consisted originally in episodes of thirty minutes daily shown on M6 TV channel, has become longer, through DVDs, books (Éric Le Nabour, Martin Aurell, *Kaamelott* Éditions Perrin), cartoons (Alexandre Astier, Steven Dupré, *L'Armée du Nécromant* 2006 ; *Les Sièges de Transport* 2007), and a trilogy of full-length films expected to come out in 2009. Moreover, the rights of the series have been sold to Italy and Spain, which shows that medieval and « celtic » lore are nowadays quite effective sources of inspiration.



A quoi servent les études littéraires ?

A quoi servent les études littéraires ? Cette question, téméraire en apparence, revient en force aujourd'hui, dans une Europe qui se cherche une identité commune, autre qu'économique. Le livre remarqué d'Yves Citton, *Lire, interpréter, actualiser* (Paris, 2007) tente de montrer comment les études littéraires contribuent, de manière très pragmatique, au développement des sociétés démocratiques. S'appuyant sur les théories de la lecture des années 1970-1980, dont *l'interprétation* est l'enjeu principal, cet ouvrage a le mérite de poser le problème de la *légitimité* des études littéraires dans le contexte actuel, et d'y formuler quelques réponses possibles.

D'autres penseurs, répondant à la même impulsion, ont envisagé des problématiques un peu différentes, et des réponses parfois diamétralement opposées. C'est le cas notamment d'Annie Le Brun (*Du trop de réalité*) ou encore Antoine Compagnon (*La littérature pour quoi faire ?*). Nous nous proposons de croiser la lecture de ces ouvrages et quelques autres, dont certains sont en opposition frontale (tant idéologiquement que prescriptivement), afin de définir quelques voies pour une compréhension plus fine du processus de *lecture littéraire* dans le développement d'une société. A ce titre, nous convoquerons des théoriciens spécifiquement littéraires, comme Wolfgang Iser ou Stanley Fish, mais également des penseurs comme Eric Hazan, dont la problématique, plus centrée sur le langage et la société, offre un appui solide à une conceptualisation plus générale.

Il s'agit en somme de définir quelle est la *spécificité* de l'acte de lecture, et en quoi celle-ci constitue un *savoir* à part entière. Notre corpus, exclusivement théorique (mais très ancré dans notre actualité), a pour but de mettre en lumière des réponses envisageables à la question de l'utilité très concrète des études littéraires (et non seulement de la littérature) pour notre société.



Minh Ha Lo-Cicero
Universidade da Madeira
minhhal@yahoo.fr

Étude de textes littéraires bilingues : source de richesses linguistique et culturelle franco-portugaise

Les textes littéraires sont une source de richesse pour les linguistes. Leur traduction l'est encore davantage. À travers l'étude de la traduction des textes littéraires, les spécificités linguistiques de chaque langue se révèlent intéressantes autant que les caractéristiques interculturelles. La présente étude met en lumière l'étroite relation entre linguistique et littérature, deux disciplines complémentaires. Plusieurs éléments linguistiques entrent en jeu pour réaliser une bonne traduction, sans trahir l'œuvre d'origine.

La traduction des œuvres littéraires dans différentes langues est indispensable à la bonne compréhension de l'esprit, des idées d'un auteur, ou d'une société qu'il décrit, par les lecteurs du monde entier. La tâche du traducteur est donc fondamentale et complexe en raison des spécificités linguistiques de chaque langue - ici le portugais et le français - que nous aimerions illustrer par une approche contrastive ancrée sur leur origine commune, le latin. L'approche de la langue - la linguistique – représente une des différentes approches de la « chose littéraire » « en tant qu'espace de création » par le biais de la traduction d'une langue vers une autre, et en tant qu'élément de réflexion sur la place de l'homme dans une société à une époque donnée.

Study Of Bilingual Literary Texts In Contrastive Approach: Linguistic And Cultural Valuable Resource In French And Portuguese

Literary texts are a valuable resource for linguists - translations even more so. Studies of translated texts reveal, equally, the linguistic differences between two languages and the cultural differences between two literatures.

This present study shows how, to achieve this, linguistics and literature must be considered as complementary disciplines. Indeed, multiple linguistic facets are needed to make a good translation that holds faithful to the original work. Translation, in fact, seeks to convey the spirit and the ideas of the author and to portray his society in another language so as to be understood by readers more widely throughout the world. Its aim is to re-create the author's work in a different language. The task of the translator is therefore complex.

The linguistic approach to literary texts translation is illustrated by contrasting the characteristics of French and Portuguese, both languages sharing the common origin, Latin.



Nathalie Roelens
Université de Nimègue
N.Roelens@belgacom.net

Naples dans le collimateur des écrivains

Sans aller jusqu'à avancer que ce seraient les écrivains qui auraient échafaudé la gloire et précipité le déclin de Naples, ce sont en tout cas eux qui ont contribué à en façonner l'imaginaire.

La motivation « touristique », liée au Grand Tour au dix-huitième siècle, se mêle progressivement d'une motivation « artistique » ou « libertine ». Naples, ville baroque par excellence, attire les écrivains du nord comme un îlot de liberté (la destination méridionale comme levée des interdits). Mais, en même temps, cette ville s'avère plus exposée à la censure de par cette licence même. Le célèbre « cabinet secret », collection de peintures et d'artefacts lascifs originaires de Pompéi, fut ainsi à la merci des régimes qui se sont succédé et, tour à tour, réservé aux « personnes d'âge mûr et de morale reconnue », mis sous scellés, voire muré et récemment réouvert au public. La publication intitulée *Musée secret* (1841) de Louis Barré est une étape essentielle dans cette « construction » de l'érotisme.

La vivacité culturelle de cette ville se mesure dès lors à l'intérêt qu'elle a soulevé et aux « mises en discours » qu'elle a suscitées : Montesquieu, contrarié par l'imposture du miracle de San Gennaro, le Marquis de Sade en quête d'écarts inédits, Stendhal avide d'opéra lyrique, Théophile Gautier fantasmant sur l'empreinte d'un corps dans la lave, et plus récemment Dominique Fernandez revisitant les castrats ou Jean-Noël Schifano rédigeant un *Dictionnaire amoureux*, ces auteurs ont chacun à leur façon réinventé la ville. Ils entrent en outre dans un intéressant dialogisme avec les écrivains italiens attirés par le sud tels qu'Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini, Mario Soldati, voire avec les citoyens de la ville parthénopéenne même : Matilde Serrao, Curzio Malaparte et, récemment, les pamphlétaires Jacopo Fo et Roberto Saviano, lesquels ont dénoncé la pernicieuse prise en otage d'une ville par le « Système » mafieux, ce qui fut à l'origine de ce qu'on appelle la « *malanapoli* ».

C'est entre cette adulation et cette stigmatisation que se déploie l'imaginaire d'une ville, nourrie de textes, d'Histoire, de produits culturels.



Omer Massoumou
Université Marien Ngouabi
omer.massoumou@gmail.com

La Littérature française dans les programmes scolaires congolais, un choix de développement culturel conflictuel

L'objet de notre réflexion est de montrer comment le rôle assigné à l'enseignement de la littérature au Congo dans les classes du secondaire littéraire (lycée) ne répond pas à un objectif clair et une véritable demande de formation. L'offre d'éducation définit un cursus où les compétences à acquérir restent peu suivies. Pour la formation de la personnalité de l'élève, les œuvres étudiées dans le cursus scolaire devraient jouer un rôle décisif. En considérant les choix institutionnels au sujet des œuvres littéraires, il apparaît que le Congo accorde une place non négligeable aux littératures congolaise et française. Nous construisons notre réflexion autour de trois axes.

Nous allons premièrement aborder des questions liées aux éléments linguistiques, idéologiques, esthétiques ou thématiques motivant éventuellement le choix des textes et des genres littéraires. Il s'agit de traiter de la question de la réception institutionnelle qui est bien favorable à la littérature française dans le cas des programmes de français du secondaire deuxième degré, par ce fait même évaluer celle (la réception) des élèves.

Nous voudrions deuxièmement apprécier le sens de la juxtaposition de deux littératures, nationale et française dans les programmes. Nous chercherons à montrer si cela repose sur un *a priori* favorable au sujet de la littérature française qui contribuerait à une meilleure éducation des apprenants. S'il apparaît que les acteurs du système éducatif semblent porter peu d'attention à l'histoire des textes littéraires retenus et réduisent l'approche du texte littéraire au fonctionnement narratif et à la morale de l'histoire, nous réalisons que ces objectifs ne correspondent pas au rôle que doit assumer une littérature surtout la littérature moderne et contemporaine. Nous présenterons quelques aspects conflictuels relevés dans l'enseignement de la littérature.

Troisièmement nous traiterons d'une donnée diachronique. Pour le Congo le choix actuel des œuvres littéraires répond au contexte historique post-monopartiste (1990) où la censure n'est plus de mise. La notion de liberté qu'apporte la régime politique démocratique semble ouvrir la voie à toute valeur idéologique, culturelle et esthétique. Toute œuvre semble maintenant accessible et cela pose également un problème. Nous présenterons les résultats d'une enquête mettant en exergue la divergence d'intérêt accordée par les élèves aux deux littératures enseignées.

The goal of this study is to demonstrate that the role assigned to the literary teaching in the Republic of Congo in the fifth form of literature (secondary school) does not meet a clear objective and a true training need. The education offer establishes a course of study. Considering the institutional choice of the literary works, it appears that the Republic of Congo attaches an important value to the Congolese and French literatures. Our study will bear on threefold key points.

Firstly, we are going to deal with questions related to linguistic, ideological, aesthetic or thematic issues motivating the choice of the literary textbooks and genres. It is about considering the institutional acceptance that is in favour of the French literature as regards the French syllabus at secondary school and similarly evaluating the acceptance of the pupils.

Secondly, we want to appraise the meaning of the juxtaposition of the two literatures, i.e., national and French one in the curriculums. We aim to demonstrate whether such a choice is based upon an a priori favourable to French literature that should contribute to a better education of the learners. If it appears that the educative system actors turn less attention to the history of the selected literary textbooks and narrow down the literary text approach to the narrative functioning and the history moral, we realise that those objectives do not square with the role a given literature should assume, particularly the modern and contemporary literature. We are going to provide some conflicting aspects noted in the literary teaching.

Thirdly, we will concentrate on diachronic data. As regards the Republic of Congo, the present choice of literary works refers to the post single party historical context (1990) when the censorship is not obligatory. The liberty notion advanced by the democratic political regime seems to open the way to ideological, cultural and aesthetic values. Now any literary work seems to be accessible and this is also a problem. We are going to point out the inquiry findings that highlight the divergence of the interest put on the two literatures taught in school by the pupils.



Rosa Maria Oliveira
E.B2,3 António Dias Simões de Ovar
worldyogaayurveda@hotmail.com

L'écriture comme thérapie

Selon les dires du médecin indien Deepak Chopra, toute l'expérience se déroule dans "la marmite bouillante" de la création. Au cours de ce processus invisible, magie et technique se mélangent pour faire place lieu à quelque chose de nouveau, de préférence, quelque chose qui puisse se voir. Chaque moment de la vie entraîne avec soi le corps dans un équilibre incertain d'états mentaux, d'émotions, de perceptions, de comportements et de faits. La sensation de comptes à équilibrer nous restent par la suite. C'est à cet instant précis que l'art, la littérature, l'écriture peuvent nous rapprocher de "l'ombre", mot employé par Carl G. Jung pour désigner le lieu où tout peut être gardé. Nous parlons avant tout de l'importance de la thérapie créative comme processus de reconfiguration de notre identité.

Les ateliers d'écriture orientés nous montrent de surprenants résultats. Ce travail se développe à partir de recherches multidisciplinaires. En passant par la neurolinguistique, la contribution de la médecine indienne se révèle également utile. Les recherches en cours nous mènent jusqu'à l'élaboration de programmes qui visent des activités appropriées pour chaque situation, ayant pour objectif aider la personne à mieux comprendre les doutes qui la tourmentent, tout en l'approchant, si possible, de la cause de sa souffrance de la meilleure forme qui soit, en même temps qu'elle est en train de créer son "œuvre" littéraire. Le but de nous libérer du déséquilibre émotionnel est de pouvoir retrouver notre place dans le temps présent.

In the words of the Hindu physician Deepak Chopra “all experience occurs in the creation bubbling pot”. In the bowls of this invisible process, the melting of magic and technique becomes something new, hopefully something that can be treated. Each moment of life trembles itself in an unstable momentum of mental state, emotions, perceptions, behaviours and facts. It remains, in the end, the impression of an equation to solve and harmonize.

At this moment Art, Literature, the practice of writing, leads to that “shadow”, concept used by Carl G. Jung to depict the place where all can be kept. We are talking about the place of creative therapy as a process of re-configuration of our own identity.

Supervised writing workshops show amazing results. This work is developed under the scope of multidisciplinary research. Taking into account neurolinguistics, we cannot underestimate the contribution of traditional Hindu medical techniques.

Ongoing research points out the making of programs adjusted to each individual situation. The goal is to help the individual to understand the questions that bother him and come close to the cause that produces the suffering in a protected safe way, at the same step literary work is developing.

The aim of surpass the lack of emotional balance is to be able to find and to embrace our present and real ego.



Rui Miguel Faria
Doutorando - Universidade do Porto
dout04035@letras.up.pt

“Mudam-se os textos, mudam-se os papéis” – da tradição oral à fixação escrita dos contos populares: que mudanças?

É objectivo nosso analisar e reflectir sobre as mudanças que ocorrem aquando da fixação escrita de um conto popular da tradição oral.

Os textos orais vivem com facilidade e naturalidade no seio de uma cultura. Na verdade, o povo compreende, interpreta, memoriza, apresenta e introduz novas narrativas, novos contos e relatos. Todavia, logo que estes textos são publicados, o processo natural referido é interrompido. Quando os contos populares da tradição oral “se cristalizam” e “se fixam” na sua forma escrita, pode-se concluir que termina o processo de criação de novas narrativas.

Os contos que circulam apenas na oralidade e na memória de quem os narra sofrem alterações sistemáticas, ganham novas performances. Os tipos e motivos ganham novas formas, o modo de contar, narrar ou recitar pode variar, os pormenores adquirem outras feições, tudo em função dos interesses do contador, do contexto e da audiência.

Assim, tendo por base algumas recolhas de contos populares portuguesas e galegas, tentaremos discutir, por um lado, as vantagens e desvantagens do processo de cristalização dos contos populares da tradição oral, por outro, centraremos a nossa discussão sobre a ironia subjacente quando se trata de pôr na escrita o que é genuinamente oral.

“Changing texts, changing roles”: from oral folktales to printed folktales: what changes?

Our paper’s proposal is to show the changes that occur when oral folktales are printed.

Oral texts live naturally and easily within a culture. As a result, people understand, interpret, memorise and present/ introduce new narratives. Nevertheless, once these texts are written and published, this natural process is interrupted. When folktales get / become «crystallized» and «fixed» in a written and printed model, they may represent the end of the creation process of new stories.

In non-printed folktales, when the narrator repeats a story, he never exactly arrives at the same narrative entity. The contents are stressed in different ways, the way of telling varies, and the details are given in a different slant according to the interests of the context and the narrator.

On the one hand, we will try to discuss the advantages – as they allow the creation of new texts - and the disadvantages - because they cannot crystallize a culture or literature – of oral texts. On the other hand, bearing in mind that nowadays people are reading less than before and this could mean the end of folktales, we will focus our analysis on the benefits and damages of printed folktales.



Rui Torres
Universidade Fernando Pessoa
rui@telepoesis.net

Experimentalismo poético em meio digital: mapeamentos da convergência entre verbal, sonoro e visual

A reflexão proposta parte do mapeamento de várias produções literárias experimentais que existem em suportes electrónicos e baseadas em procedimentos informáticos - combinatórios, multimediáticos ou interactivos. Os novos processos criativos, bem como todo o cenário em que estas textualidades electrónicas se articulam, inscrevem-se em modalidades discursivas que já apontavam para caminhos de convergência e interactividade. A poesia concreta, visual e sonora da segunda metade do século XX (mas também a visão histórica que elas promovem) antecipam estas mudanças, abrindo caminhos para o estado actual da arte. Nesta apresentação, serão analisados exemplos de trabalhos de digitalização e recriação da Poesia Experimental portuguesa.



Vincent Bouchard
Université de Montréal
v.bouchard@umontreal.ca

Culture littéraire et oralité : écriture et remédiation de la parole

Plusieurs études (Chartier, 1996 ; Innis, 1951) décrivent l'influence de l'écriture sur nos modes de pensée. Même si sa place hégémonique est contestée, la pensée littéraire, comme d'autres dispositifs de savoir, vient influencer toute production culturelle. Chaque medium, que cela soit à un niveau technologique ou institutionnel, fonctionne à partir de présupposés. Ces présupposés dépendent du dispositif mis en place et du contexte ; ils sont donc soumis à l'influence de ces formes de construction du savoir. De même, les techniques d'enregistrement audiovisuelles rendent possibles d'autres formes de transmission de l'expérience et du savoir. Ainsi, après l'oralité primaire qui caractérise les sociétés sans écriture puis l'oralité secondaire où la parole interagit avec les cultures littéraires, une forme d'oralité médiatisée vient modifier radicalement nos modes de communication. En fait, ces évolutions correspondent à une série de remédiations, soit la réorganisation culturelle d'une société en fonction d'un nouvel espace/agencement médiatique. Partant du principe macluhanien que tout medium se développe à partir d'un agencement médiatique préexistant, l'idée de remédiation place le geste et la parole comme origine fondamentale de toute nouvelle forme de médiation (Philippe Despoix, 2005, p. 95).

Dans cette communication, je vous propose de questionner la place de la littérature (et des études littéraires) dans un monde profondément marqué par d'autres formes d'inscription de la pensée humaine. Plus précisément, j'envisage de questionner la remédiation de la parole à travers les techniques littéraires et audiovisuelles, en me concentrant sur trois temps : l'oralité direct, la pensée écrite et la parole enregistrée.

Ainsi, à travers cette perspective historique, je propose de questionner la culture littéraire, non pas d'un point de vue cognitiviste, mais esthétique, afin de souligner l'influence d'un appareil (Déotte, 2004) sur nos présupposés idéologiques et nos représentations du monde. Cette approche est à replacer dans une réflexion plus large sur la médiation nécessaire entre la réalité et toute production culturelle.

Ouvrages cités :

Philippe Despoix, « Questions et hypothèses à partir des systèmes d'écritures : remédiation ou plurimédialité ? », in Remédier, Intermédialité, n°6, automne 2005, Montréal
Jean-Louis Déotte, L'époque des appareils, Ed. Lignes & Manifestes, Paris, 2004